



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E FRONTEIRAS**

NANOY VIEIRA ESBELL

**INTERAÇÕES INTERCULTURAIS ENTRE ESTUDANTES VENEZUELANOS E
BRASILEIROS OBSERVADAS EM ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO EM BOA
VISTA - RORAIMA**

**BOA VISTA, RR
2022**

NANOY VIEIRA ESBELL

**INTERAÇÕES INTERCULTURAIS ENTRE ESTUDANTES VENEZUELANOS E
BRASILEIROS OBSERVADAS EM ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO EM BOA
VISTA - RORAIMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima (Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociedade e Fronteiras na área de concentração Sociedade e Fronteiras na Amazônia, na linha de pesquisa Fronteira e Processos Socioculturais, sob a orientação da professora doutora Márcia Maria de Oliveira e coorientação do professor doutor João Paulino da Silva Neto.

**BOA VISTA, RR
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

E74i

Eshell, Nanoy Vieira.

Interações interculturais entre estudantes venezuelanos e brasileiros observadas em escolas do ensino médio em Boa Vista – Roraima / Nanoy Vieira Eshell. – Boa Vista, 2022.

95 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Maria de Oliveira.

Coorientador: Prof. Dr. João Paulino da Silva Neto.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras.

1 – Migração. 2 – Escola. 3 – Interações sociais. 4 – Interculturalidade. I – Título. II – Oliveira, Márcia Maria de (orientadora). III – Silva Neto, João Paulino da (coorientador).

CDU – 325.14(85:87)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:
Mariede Pimentel e Couto Diogo - CRB-11/354 - AM

NANOY VIEIRA ESBELL

**INTERAÇÕES INTERCULTURAIS ENTRE ESTUDANTES VENEZUELANOS E
BRASILEIROS OBSERVADAS EM ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO EM BOA
VISTA - RORAIMA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras, para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Fronteiras pela Universidade Federal de Roraima.
Linha de Pesquisa: Fronteira e Processos Socioculturais. Área de concentração: Sociedade e Fronteiras na Amazônia. Defendida em 30 de setembro de 2022 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCIA MARIA DE OLIVEIRA
Data: 30/09/2022 09:00:29-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof^a. Dr^a. Márcia Maria de Oliveira
Orientadora (PPGSOF/UFRR)



Prof. Dr. João Paulino da Silva Neto
Coorientador (PPGEduc/UFRR)



Prof^a. Dra. Solange Pereira do Nascimento
Membro Externo (CESSGC/UEA)

Documento assinado digitalmente
gov.br WILLAS DIAS DA COSTA
Data: 07/10/2022 23:51:42-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Willas Dias da Costa
Membro Externo (SEDUC/NEPTA/UFAM)

Aos meus queridos avós
Francisco de Assis Vieira e
Teodora Pereira Vieira
Pelo amor, criação e educação
que me proporcionaram em vida.

AGRADECIMENTOS

À força de vontade aliada ao incentivo da família, em especial a minha mãe professora doutora em química Maria de Fátima Pereira Vieira, grande incentivadora, no qual proporcionou o apoio fundamental para a realização deste trabalho e que sonhou primeiramente com este título de mestranda antes que eu.

À Universidade Federal de Roraima – UFRR, por meio do Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras pela oferta e disponibilização desse curso espetacular, proporcionando grandes conquistas por meio do conhecimento.

À orientadora professora doutora Márcia Maria de Oliveira, minha orientadora e ao professor doutor João Paulino da Silva Neto, meu coorientador, pelo êxito inerente a tudo que concerne a este trabalho de pesquisa, pelo auxílio, compreensão e amizade.

Aos professores/as da banca examinadora, doutora Solange Pereira do Nascimento e doutor Willas Dias da Costa, doutora Francilene dos Santos Rodrigues e a doutora Ivete Souza da Silva, e aos demais docentes do PPGSOF que muito contribuíram com minha formação em nível de mestrado.

Aos meus pais pelo incentivo a educação e aos meus queridos avós, Francisco de Assis Viera e Teodora Pereira Vieira, sendo eles meus primeiros mestres.

Ao Senhor Deus pelo fortalecimento de minha fé na busca e realização desta conquista. Que a alegria dessa vitória seja compartilhada com todos!

Descolonizar a diversidade cultural para assumir uma atitude intercultural se distancia da perspectiva antagônica das binaridades coloniais e patriarcais: civilizados/não civilizados, negros/brancos, crentes/pagãos, macho/fêmea. Descolonizar esses dualismos é assumir a diversidade como promotora de vida plena que modifica modos de pensar e agir. Descolonizar para interculturalizar nos leva a Freire, quando este discute o deslocamento do sujeito opressor que, na perspectiva colonizadora, se imagina um solitário receptáculo de conhecimentos generalizados e específicos, alheio às experiências e saberes dos outros. O ato de educar-se, na interculturalidade, nos conduz a um estado de solidariedade e compaixão com os outros; não significa simplesmente colocar-se no lugar do outro, pois pode gerar paternalismos opressores. A solidariedade intercultural é um diálogo em que se comprometem aqueles que contemplan a realidade de modo diferenciado, é o reconhecimento e confronto de nossas carências, limitações e incertezas.

Ricardo Gonçalves Castro (2020)

ESBELL, Nanoy Vieira. **Interações Interculturais entre estudantes venezuelanos e brasileiros observadas em Escolas do Ensino Médio em Boa Vista - Roraima.** Boa Vista, RR: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – Universidade Federal de Roraima, 2022.

RESUMO

Esta dissertação orientada pela interdisciplinaridade abrange os estudos migratórios e os estudos interculturais na perspectiva da educação pensada a partir de um contexto transfronteiriço marcado pelas migrações venezuelanas. Roraima é um estado historicamente caracterizado pelas migrações sucessivas e por encontros de distintas culturas que resultam em trocas interculturais presentes na arte, na arquitetura, nas especialidades, na religião, na culinária, e, assim por diante. São os migrantes que promovem estas interações que nem sempre são espontâneas ou simultâneas. Muitas vezes são tensas, violentas e resultam em xenofobia, intolerância, discriminação e resistência ao novo e às mudanças inerentes às interações interculturais que se processam nos contextos migratórios. Nos últimos cinco ou seis anos o estado de Roraima tornou-se um referencial no acolhimento aos migrantes venezuelanos. Esta nova conjuntura oferece oportunidades de novas interações sociais que foram observadas em nível microssociológico com o objetivo de aprofundar o tema das migrações, na perspectiva intercultural observada nas interações interculturais vivenciadas por estudantes do Ensino Médio em escolas de Boa Vista – Roraima. Conduzida pela metodologia qualitativa, a pesquisa de campo foi realizada com entrevistas e aplicação de questionários a estudantes brasileiros e venezuelanos com o intuito de identificar elementos que possibilitassem uma releitura das migrações a partir das interações interculturais observadas no cotidiano da escola. O estudo buscou verificar o potencial da educação intercultural para repensar a escola em contexto transfronteiriço. Os resultados tanto das entrevistas quanto das observações de campo constataram que, de fato, existem relações de reciprocidade por parte dos estudantes brasileiros e venezuelanos e que as relações interculturais se processam na vivência cotidiana dos estudantes no ambiente escolar.

Palavras-chave: Migração. Escola. Interações Sociais. Interculturalidade.

ESBELL, Nanoy Vieira. **Interações Interculturais entre estudantes venezuelanos e brasileiros observadas em Escolas do Ensino Médio em Boa Vista - Roraima.** Boa Vista, RR: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – Universidade Federal de Roraima, 2022.

ABSTRACT

This interdisciplinarity-oriented dissertation covers migratory studies and intercultural studies from the perspective of education conceived from a cross-border context marked by Venezuelan migrations. Roraima is a state historically characterized by successive migrations and encounters of different cultures that result in intercultural exchanges present in art, architecture, specialties, religion, cuisine, and so on. It is migrants who promote these interactions, which are not always spontaneous or simultaneous. They are often tense, violent and result in xenophobia, intolerance, discrimination, and resistance to the new and to the changes inherent to the intercultural interactions that take place in migratory contexts. In the last five or six years, the state of Roraima has become a reference in welcoming Venezuelan migrants. This new situation offers opportunities for new social interactions that were observed at a micro-sociological level with the aim of deepening the issue of migration, in the intercultural perspective observed in the intercultural interactions experienced by high school students in a school in Boa Vista - Roraima. Conducted by qualitative methodology, the field research was carried out with interviews and application of questionnaires to Brazilian and Venezuelan students to identify elements that allowed a reinterpretation of migrations from the intercultural interactions observed in the daily life of the school. The study sought to verify the potential of intercultural education to rethink the school in a cross-border context. The results of both the interviews and the field observations found that, in fact, there is reciprocity relationships on the part of Brazilian and Venezuelan students and that intercultural relationship are processed in the daily experience of students in the school environment.

Keywords: Migration. School. Social Interactions. Interculturality.

ESBELL, Nanoy Vieira. **Interações Interculturais entre estudantes venezuelanos e brasileiros observadas em Escolas do Ensino Médio em Boa Vista - Roraima.** Boa Vista, RR: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – Universidade Federal de Roraima, 2022.

RESUMEN

Esta tesis de maestría bajo la orientación interdisciplinar aborda los estudios migratorios y los estudios interculturales desde la perspectiva de una educación concebida desde un contexto transfronterizo marcado por las migraciones venezolanas. Roraima es un estado históricamente caracterizado por sucesivas migraciones y encuentros de diferentes culturas que dan como resultado intercambios interculturales presentes en el arte, la arquitectura, las especialidades, la religión, la gastronomía, etc. Son los migrantes quienes promueven estas interacciones, que no siempre son espontáneas o simultáneas. Suelen ser tensas, violentas y resultan en xenofobia, intolerancia, discriminación y resistencia a lo nuevo ya los cambios inherentes a las interacciones interculturales que se dan en los contextos migratorios. En los últimos cinco o seis años, el estado de Roraima se ha convertido en un referente en la acogida de migrantes venezolanos. Esta nueva situación ofrece oportunidades para nuevas interacciones sociales que fueron observadas a nivel microsociológico con el objetivo de profundizar el tema de la migración, en la perspectiva intercultural observada en las interacciones interculturales vividas por estudiantes de secundaria en una escuela en Boa Vista - Roraima. Conducida por metodología cualitativa, la investigación de campo se realizó con entrevistas y aplicación de cuestionarios a estudiantes brasileños y venezolanos con el fin de identificar elementos que permitieran una reinterpretación de las migraciones a partir de las interacciones interculturales observadas en el cotidiano escolar. El estudio buscó verificar el potencial de la educación intercultural para repensar la escuela en un contexto transfronterizo. Los resultados tanto de las entrevistas como de las observaciones de campo constataron que, efectivamente, existen relaciones de reciprocidad por parte de los estudiantes brasileños y venezolanos y que las relaciones interculturales se procesan en la experiencia cotidiana de los estudiantes en el ámbito escolar.

Palabras clave: Migración. Colegio. Interacciones Sociales. Interculturalidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa das divisões administrativas do estado do Roraima, Brasil.....	20
Figura 02: Processo de migração de jovens venezuelanos e a microssociologia	37
Figura 03: Número de Matrículas nas Escolas Estaduais entre 2015 a 2019	44
Figura 04: Número de Matrículas nas Escolas Municipais entre 2015 a 2019	44
Figura 05: Mapa de localização das escolas.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados ou Agência da ONU para Refugiados
DESA/ONU	DESA/ONU - Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OIM	Organização dos Migrantes
PPP	Projeto Político Pedagógico
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES EM RORAIMA E OS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO	20
1.1 Os novos movimentos migratórios transfronteiriços em Roraima	21
1.2 Migrações transfronteiriças na Amazônia	29
1.3 Recortes teóricos sobre a migração venezuelana em Roraima	32
1.4 A microssociologia das migrações	35
CAPÍTULO 2 – INTERAÇÕES INTERCULTURAIS NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS	39
2.1 Do multiculturalismo à Interculturalidade	39
2.3 A Educação Intercultural em contexto de migração transfronteiriça	43
CAPÍTULO 3 – DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA INTERCULTURALIDADE EM CONTEXTO TRANSFRONTEIRIÇO	53
3.1 Informações básicas sobre as escolas e o contexto pesquisado	53
3.2 Interações interculturais e dificuldades de convivência observadas na experiência escolar na perspectiva dos estudantes brasileiros	55
3.2.1 Interações interculturais e dificuldades de convivência observadas na experiência escolar na perspectiva dos estudantes venezuelanos	58
3.3 Interações interculturais na perspectiva das relações microssociais em diálogo interdisciplinar	64
3.4 Possibilidades de interações interculturais	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	88

INTERAÇÕES INTERCULTURAIS ENTRE ESTUDANTES VENEZUELANOS E BRASILEIROS OBSERVADAS EM ESCOLAS DO ENSINO MÉDIO EM BOA VISTA - RORAIMA

INTRODUÇÃO

Esta Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima sob a orientação da professora doutora Márcia Maria de Oliveira, e coorientação do professor doutor João Paulino da Silva Neto, na área de concentração ‘Sociedade e Fronteiras na Amazônia’, na Linha de Pesquisa ‘Fronteiras e Processos Socioculturais’, apresenta alguns aspectos de Interações Interculturais observadas em duas escolas de ensino médio em Boa Vista – Roraima.

A pesquisa de cunho interdisciplinar se propõe a contribuir para aprofundar a linha de pesquisas de Fronteiras e Processos Socioculturais a partir dos estudos migratórios e do aprofundamento da temática das Interações Interculturais observadas em nível microsociológico em estudantes do ensino médio em escolas da rede pública de Boa Vista – Roraima.

Esta proposta de estudos surgiu das conversas com uma professora de matemática do ensino médio que trabalha há anos em escolas estaduais em Boa Vista e vem compartilhando as transformações observadas na escola a partir da chegada dos estudantes venezuelanos¹.

Essa dissertação objetivou ampliar o tema das migrações, na perspectiva intercultural, observada nas interações interculturais vivenciadas por estudantes do ensino médio em escolas de Boa Vista – Roraima. Em seus objetivos específicos, buscou identificar elementos que possibilitassem uma releitura das migrações a partir dos estudos interculturais; mapear as possíveis interações interculturais experimentadas pelos jovens estudantes (migrantes e locais) na perspectiva das relações microssociais em diálogo interdisciplinar; verificar o potencial da educação intercultural para reinventar a escola em contexto transfronteiriço.

O problema central da dissertação foi justamente saber qual o nível de reciprocidade que a sociedade de Boa Vista vem processando neste novo contexto migratório. Para isso foram pesquisadas as relações de interações interculturais que se processam nas relações sociais entre estudantes locais e estudantes migrantes em duas turmas de ensino médio em

¹ Trata-se da experiência docente de minha mãe, doutora em matemática, que me despertou para a importância deste estudo no mestrado.

escolas da rede pública estadual em Boa Vista. Ao mesmo tempo, a pesquisa buscou compreender ou reinterpretar as migrações na visão dos jovens migrantes estudantes.

Ao observar estas relações sociais no contexto migratório da sala de aula, se buscou entender o que os jovens estudantes têm a dizer sobre as tensões interculturais, conflitos, xenofobia a partir das relações sociais entre estudantes locais e migrantes.

Esse estudo se justifica pela necessidade de reinterpretar as relações sociais a partir da repentina intensificação das dinâmicas migratórias venezuelanas² no estado de Roraima que desafiou não só os campos da política e da economia, mas também, o da área da educação. Ao tratar de interculturalidade entre estudantes venezuelanos e brasileiros, se coloca em pauta a histórica política egocêntrica que tem orientado as relações transfronteiriças somente no campo do mercado. Ao trazer para o debate as trocas de experiências como encontros significativos numa região de fronteira, o estudo desafia a sociedade a pensar novas relações sociais baseadas na reciprocidade, na inclusão social e no respeito às diferenças como marcador social.

No contexto migratório, a escola cumpre a função imprescindível de socializar e democratizar o acesso ao conhecimento e promover a construção moral e ética dos estudantes oferecendo uma formação de pessoas conscientes, críticas, engajadas e com potencial de transformação de si mesmas e da sociedade (CANDAUI, 2011). Desempenha uma função importante no acolhimento aos migrantes. Nessa perspectiva, essa pesquisa de dissertação se justifica pelo fato da escola ser uma das possibilidades de romper com a homogeneidade e orientar-se pela lógica da diversidade, provocar e facilitar a reconstrução dos conhecimentos, atitudes e formas de conduta, numa reelaboração crítica e reflexiva da cultura dominante, através de vivências de novas relações sociais dentro da escola que conduzam a novos modos de pensar e fazer numa permanente troca de conhecimentos que promovem novas interações interculturais (CANDAUI, 2011).

Silva (2019) aponta que o estado de Roraima possui uma enorme diversidade cultural e que a escola é um campo de relacionamento intercultural em que os conflitos culturais e identitários são colocados em pauta. Assim, o exercício de alteridade deve ser constante e o reconhecimento das diferenças étnicas e/ou culturais permite que o sujeito se construa e possua voz (SILVA NETO, 2020). A educação além de libertar o homem e a mulher, também

² As migrações venezuelanas são as mais recentes, mas, a circulação de migrantes guianenses na transfronteira Brasil e Guiana e as migrações cubanas e haitianas também são relativamente intensas em Roraima com concentração em Boa Vista. Conforme o texto de Oliveira (2019) Retrospectiva das migrações na Amazônia em 2019. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/retrospectiva-das-migracoes-na-amazonia-em-2019>. Acesso em 05/05/2021.

promove qualidade de vida, participação ativa na sociedade, desenvolve o senso crítico em um contexto de efetivação da democracia (FREIRE, 1986).

O contexto migratório nos desafia a rever o modelo de escola endógeno e nos propõe repensar a escola para além das fronteiras e muros, uma escola que consiga dialogar com o diferente e suas diferenças e aproveitar a oportunidade de se propor uma escola verdadeiramente intercultural desde sua estrutura curricular até seus impactos na sociedade (CANDAU, 2011).

Nessa perspectiva, a presente dissertação de mestrado surgiu da inquietação frente aos novos processos culturais observados nos últimos cinco ou seis anos em Roraima e da angústia frente à lentidão em respostas sociais, especialmente as políticas públicas, frente à nova conjuntura social marcada pelas trocas culturais e interações interculturais que se processam inerentes à migração.

A opção por este recorte teórico e a escolha desta temática se deu pela necessidade de ampliar os estudos sobre a interculturalidade resultante das migrações, tema ainda pouco explorada no PPGSOF, dada a novidade da nova conjuntura migratória. Acredita-se que seja um tema de grande relevância para os estudos interdisciplinares e para os estudos migratórios que tendem a análises mais macrossociológicas que, em muitos casos, relativiza a dimensão das subjetividades e a produção das novas relações sociais e as interações interculturais que resultam do encontro das culturas nos sucessivos processos migratórios.

Quanto à orientação metodológica, Antunes *et al.* (2018) define a metodologia como sendo o coração da pesquisa. Para esse conjunto de autores/as, trata-se de uma estatística descritiva aliada às entrevistas em profundidade, a análise clínica entrelaçada aos estudos experimentais, os estudos quase-experimentais combinados a entrevistas abertas, dados e indicadores demográficos aliados a etnografia, o próprio estudo etnográfico utilizando de questionário como ferramenta de coleta de dados para uso e construção de escala de valores. Tais abordagens combinadas envolvem análises quantitativas e qualitativas integradas e contrastadas segundo eixos analíticos, que permitem interpretações de diversas naturezas.

Para Antunes *et al.* (2018, p. 594), “a escola, a comunidade e a sociedade são investigadas também nos microcosmos interacional”. A realidade dinâmica dessas interações possibilita a escolha de uma maior diversidade de métodos e técnicas que o auxilie na busca por compreender os problemas de pesquisa abordados.

A primeira parte da pesquisa de cunho bibliográfico e documental (GIL, 2012) buscou coletar informações a partir de textos, livros, artigos em revistas eletrônicas e impressos, e

demais materiais de caráter científico e indispensável a uma pesquisa. Esses dados foram usados nesse estudo em forma de citações, servindo de embasamento para o desenvolvimento do assunto proposto. Informações pela análise de documentos oficiais e entrevista com os estudantes foram coletados com a utilização de recursos tecnológicos, como *WhatsApp*, vídeochamadas entre outros. De posse da consulta de autores com diferentes pontos de vistas e com as informações levantadas, emitiram-se observações e conclusões.

A metodologia qualitativa orientou o levantamento bibliográfico e documental, com os indicadores oficiais o que possibilitou traçar um cruzamento de informações, de modo a melhor apresentar essa nova realidade migratória do estado, que permitiu uma visão mais clara das necessidades educacionais confirmadas com a pesquisa de campo.

Aplicou-se o método da entrevista estruturada em um formulário com perguntas abertas. Entrevista com um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações sobre determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional possível de ser realizada mesmo com mediação tecnológica (GIL, 2012).

As entrevistas recolheram narrativas das experiências entre estudantes venezuelanos e brasileiros, que permitiram conhecer as dificuldades enfrentadas ao serem inseridos em novos grupos sociais, o que resultou, em alguma medida, em experiências interculturais. Ao todo participaram da pesquisa 10 (dez) estudantes, sendo 05 (cinco) venezuelanos e 05 (cinco) brasileiros, observando-se na medida do possível, a equidade de gênero e o vínculo educacional entre estudantes do ensino médio. As entrevistas abertas e semiestruturadas permitiram recolher narrativas que apresentam os desafios e as possibilidades das interações interculturais entre estudantes do ensino médio em Boa Vista – Roraima.

Com o agravamento da pandemia no estado, as aulas presenciais foram suspensas e as escolas ficaram fechadas entre março de 2020 e maio de 2022. Mediante o contexto da pandemia em nível mundial, considerou-se a ‘Declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)’ pela Organização Mundial da Saúde em 30 de janeiro de 2020, em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (COVID-19)³. Por isso, houve atrasos na realização da pesquisa de campo.

³ Considerando, de modo especial, o aumento dos casos de pessoas infectadas no município de Boa Vista – Roraima. Em observância às orientações do Decreto Nº 38-E de 22/03/2020 que declara emergência em saúde pública no âmbito do município de Boa Vista/RR e define novas medidas de enfrentamento e prevenção ao coronavírus (covid-19) que incluem o isolamento social e em seu artigo VI – define a proibição da permanência de pessoas em locais públicos, tais como parques, praças, ruas, calçadas e afins. Esta pesquisa se reorientará de acordo com os Protocolos de Segurança da OMS.

Passado o período pandêmico mais crítico, realizou-se breve pesquisa de campo que buscou compreender as dinâmicas migratórias através da coleta de dados narrativos. Foram analisadas as particularidades e experiências individuais que permitiram conhecer o que pensam ou como se sentem os jovens estudantes de forma mais detalhada. Os participantes da pesquisa foram contatados depois de serem indicados através do método bola de neve. O contato com o primeiro participante se deu através da professora Fátima, na disciplina de matemática. A partir do contato com a primeira participante, outros colegas foram indicados e contatados. Todos os que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), e, na sequência, forneceram o contato dos pais ou responsáveis que receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para autorizar a participação dos/as filhos/as na pesquisa. Todos estes instrumentais de pesquisas foram reunidos num amplo Protocolo de Pesquisas, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Roraima em 15 de novembro de 2021.

A coleta de dados foi prejudicada por causa das restrições impostas pela pandemia e por isso houve atraso na finalização da pesquisa de campo e, conseqüentemente, na defesa da dissertação que deveria ter sido concluída em março de 2022. Não foi possível realizar a pesquisa de campo em tempo hábil em virtude dos fechamentos das escolas e até mesmo pelas restrições estabelecidas pela aquela ocasião. Outro impasse foi colher informações pelas unidades escolares e pela Secretaria Estadual de Educação, que não possuíam dados precisos que pudessem colaborar com os nossos argumentos; a possibilidade de se fazer a pesquisa por meio do aplicativo *WhatsApp* se frustrou uma vez que muitos estudantes não tinham acesso à internet, assim como, a indisponibilização dos contatos telefônicos. Isso tudo afetou negativamente na elaboração dessa dissertação.

Contudo, o maior desafio foi poder realizá-la de fato, uma vez que sou mãe solteira de uma criança com transtorno do espectro autista (TEA) (inclusive neste exato momento ele está ao meu lado com os braços entrelaçados entre os meus para que eu não digite e lhe proporcione a devida atenção). Por incontáveis vezes foi necessário interromper o raciocínio para dar-lhe o que comer ou fazer a higiene pessoal. Foi necessário me recolher porque ele só dorme se eu estiver ao seu lado. Foi preciso escrever a dissertação nas madrugadas porque não era possível desenvolver um raciocínio lógico caso ele estivesse acordado. A rotina de estudos conflitou com os horários de trabalho e com a rotina de consultas e tratamentos médicos regulares que já realizava com ele desde o seu diagnóstico. Cuidar de uma criança

autista no seu cotidiano de exigências, enfrentar uma pandemia restritiva e ainda elaborar um trabalho de dissertação de mestrado foi o maior dos desafios.

A primeira parte da dissertação veio de um breve estudo conceitual realizado na pesquisa exploratória, análise de dados e relato de experiência. A pesquisa abordou a dinâmica migratória em Roraima por meio da comunidade escolar. Todas as observações foram realizadas e sistematizadas no campo microssociológico, observado em duas turmas do ensino médio, em duas escolas localizadas no município de Boa Vista – Roraima. As relações interculturais e as tensões que ocorrem nesses processos de encontros e ou desencontros foram analisados, na perspectiva dos jovens migrantes estudantes venezuelanos e pelos estudantes brasileiros.

Na segunda parte foram transcritas algumas análises resultantes da pesquisa de campo, que priorizou a técnica descritiva vinculada à metodologia qualitativa. Os recortes temáticos orientado pelo recorte metodológico sustentado na microssociologia de Simmel (2006), a qual prevê a abordagem das interações sociais e interculturais de dado grupo social, permitiu abordar as intersubjetividades que se processam no interior destes grupos. Para Simmel (2006), a sociedade é fundada a partir da interação que é a base das relações sociais e dos sistemas de relação.

A pesquisa de campo foi realizada em duas escolas distintas, sendo a primeira na Escola Estadual Prof^a Maria das Neves Rezende, somente com estudantes brasileiros, visto que não havia no dia da coleta de dados estudantes migrantes venezuelanos presentes na escola, e a segunda na Escola Estadual Militarizada Irmã Maria Teresa Parodi, somente com estudantes migrantes venezuelanos. A pesquisa ocorreu em sala no intervalo de cada aula, no retorno das aulas pós-pandemia, no mês de outubro de 2021.

Na pesquisa de campo buscou-se identificar as interações culturais que possivelmente se processam nos encontros entre estudantes locais e migrantes venezuelanos, observando o conjunto e as relações que definem as interações sociais e o modo como a sociedade vem acolhendo, integrando e promovendo os migrantes, entendendo-os como “uma importante oportunidade de mudanças sociais, políticas, econômicas e interculturais na sociedade de acolhimento” (FREITAS, 2011, p.11).

Observou-se a aceitação social desse determinado grupo no ambiente escolar com especial atenção para as estratégias que utilizam para processar interações culturais no novo contexto caracterizado pelas migrações. A pesquisa identificou o nível de reciprocidade e observou se é possível compreender ou reinterpretar as migrações na visão dos jovens

migrantes estudantes. Também foi possível entender o que os jovens estudantes têm a dizer sobre tensões interculturais, conflitos, xenofobia, a partir das relações sociais entre estudantes locais e migrantes e se essa interação poderá vir a contribuir significativamente para o processo ensino-aprendizagem como um resultado das interações culturais, sendo este um dos inúmeros desafios que o migrante enfrenta.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES EM RORAIMA E OS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO

No presente capítulo, o principal objetivo está em historicizar os estudos migratórios e o contexto das migrações fronteiriças entre Brasil e Venezuela, tendo como referencial o início da intensificação dos deslocamentos migratórios a partir de 2015.

Por meio da pesquisa ‘Interações Interculturais observadas em uma escola de ensino médio em Boa Vista – Roraima’ foi possível analisar o processo do atual contexto das migrações dessa região de fronteira, intensificadas pelos movimentos migratórios venezuelanos a partir do ano de 2015, devido à crise econômica ocorrida naquele país. E as discussões apresentadas durante a pesquisa, se deram a partir das relações culturais e microsociológicas que se dão dentro do ambiente escolar, a partir do acolhimento dos estudantes e a escola.

Figura 01: Mapa das divisões administrativas do estado de Roraima, Brasil.



Fonte: <https://pt.mapsofworld.com/brasil/estados/roraima.html>

O estado de Roraima está localizado na porção norte da Amazônia e faz limite com os países da República Bolivariana da Venezuela e com a República Cooperativista da Guiana.

Basicamente, a relação entre os três países é intensa e se dá pela utilização de serviços públicos e privados, prestação de serviços, comércio, importações/exportações e turismo.

O estado de Roraima caracteriza-se especialmente por suas fronteiras nacionais e internacionais que integram a Amazônia interligada com outros estados e países. Se diferencia do conjunto do bioma Amazônia com o ecossistema do lavrado “dominado por áreas abertas, mas é importante ressaltar que também apresenta ambientes florestais. Os ambientes não-florestais são as savanas verdadeiras, cobrindo cerca de 70% da região, e agrupando todos os sistemas não-florestais” (CAMPOS *et al.*, 2008, p. 3).

O lavrado adentra as fronteiras de encontro com a savana venezuelana, região de histórica interrelação transfronteiriça na geopolítica econômica da região transformada em “uma relação entre coisas” (MARX, 2013, p. 148) em detrimento das relações humanas e interculturais tão caras em contexto transfronteiriço. Nessa perspectiva marxiana, pode-se afirmar que os processos históricos de interrelação transfronteiriça entre Brasil, Venezuela e Guiana têm sido pautados tão somente pelas relações econômicas reduzidas “a circulação simples de mercadorias – a venda para a compra – serve de meio para uma finalidade que se encontra fora da circulação, a apropriação de valores de uso, a satisfação de necessidades” (MARX, 2013, p. 228).

As pesquisas exploratórias realizadas nessa dissertação dão conta de que a prioridade das relações comerciais retardou ou dificultou as relações interculturais que incrivelmente não constam na pauta geopolítica das relações transfronteiriças. Observa-se que o estado de Roraima se manteve historicamente de costas para os países vizinhos no campo das relações interculturais. Pelo menos é o que se constata quando se analisam os planos de acolhimento aos migrantes venezuelanos pautados na emergência e na insistência da interiorização. De acordo com Albuquerque (2022, p. 78), isso é um grande equívoco porque especialmente em Roraima se constata que “o negócio da migração, cria e estimula oportunidades de negócios”. Ao orientar as migrações para o campo meramente econômico, Roraima perde a oportunidade histórica de se imprimir a essa região de fronteiras algo além dos interesses meramente comerciais.

1.1 Os novos movimentos migratórios transfronteiriços em Roraima

Roraima é um estado marcado historicamente pelas migrações e por encontros de distintas culturas que resultam em trocas interculturais presentes na arte, na arquitetura, nas

espacialidades, na religião, na culinária, e, assim por diante. São os migrantes que promovem estas interações. Porém, nem sempre são espontâneas ou simultâneas. Muitas vezes são tensas, violentas e resultam em xenofobia, intolerância, discriminação e resistência ao novo e à mudança inerente às interações interculturais.

Segundos dados do IBGE (2021), a capital Boa Vista apresentou um aumento demográfico considerável por conta da migração. Sua população que antes era de 284.313 pessoas em 2010, saltou para uma população estimada em 436.591 pessoas em 2021. Quanto ao estado em geral, a população estimada em 2010 era de 450.479 pessoas, subiu para 652.713 pessoas no ano de 2021.

Os migrantes haitianos e cubanos também se somam às redes migratórias internacionais na Amazônia. De acordo com informes do setor de migrações da Polícia Federal de Roraima, até novembro de 2019, mais de 13 mil migrantes vindos do Haiti entraram no país pela fronteira da Guiana, em Bonfim (RR). Nesta mesma fronteira adentraram a Amazônia brasileira mais 31 mil migrantes cubanos nos últimos dois anos⁴.

Nos anos de 2016 e 2017 houve o fechamento da fronteira via terrestre pelo governo venezuelano e em 2020 em virtude da pandemia, sendo reaberto apenas em fevereiro de 2022, bem como, o serviço de interiorização disponibilizado pelo governo brasileiro, “Operação Acolhida”, que realiza o transporte de migrantes venezuelanos do estado de Roraima para outros estados brasileiros, influenciaram nesse número populacional.

Esse crescimento repercutiu consideravelmente no número de estudantes migrantes matriculados na rede pública de ensino, tanto na capital quanto no interior do estado. Prontamente, com a presença significativa desse público migrante nas escolas de Roraima, fez-se necessário buscar por resultados que tratassem desse encontro que se era muito discutido em sala de aula por meio das disciplinas interdisciplinares, porém, pouco vivenciada no dia a dia, que são as relações interculturais.

No entanto, ao discutirmos sobre estudantes com nacionalidades diferentes, é preciso frisar que essas trocas são extremamente enriquecedoras quanto às questões culturais, mas que também podem apresentar uma realidade peculiar e opressora quanto às questões de acolhimento. Nessa concepção, surgiu a necessidade de se compreender através da pesquisa científica essa realidade.

⁴COSTA, E. Nova onda de haitianos chega ao Brasil pela Guiana e engrossa êxodo de estrangeiros em Roraima, Site G1 RR. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/12/16/nova-onda-de-haitianos-chega-ao-brasil-pela-guiana-e-engrossa-exodo-de-estrangeiros-em-roraima.ghtml>>. Acesso em: 15 de abr. de 2022.

De acordo com Bauman (2017), as migrações representam uma chave de leitura de entendimento das sociedades modernas. Para Oliveira (2016) a realidade de Boa Vista representa um recorte contextual de uma conjuntura mundial impactada pelas migrações. Em setembro de 2019, o Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas - DESA/ONU/2019⁵, informou que naquele momento, o número de migrantes no mundo alcançava 272 milhões, o que equivale a 51 milhões a mais do que em 2010, a maioria situada na Europa (82 milhões) e América do Norte (59 milhões). Estes dados significam que 3,5% da população mundial são constituídas por migrantes⁶.

De acordo com o referido relatório, a maior parte dos migrantes internacionais se movimenta entre países localizados na mesma região⁷ e indica que os deslocamentos forçados através de fronteiras internacionais continuam a crescer⁸. O relatório informa também que, em termos de idade, um em cada sete migrantes internacionais tem menos de 20 anos. Em 2019, os dados mostraram que 38 milhões de migrantes internacionais, 14% do total, tinha menos de 20 anos. A África subsaariana tem a maior proporção de jovens migrantes internacionais (27%), seguida por América Latina e Caribe, Norte da África e Oeste da Ásia (cerca de 22% cada).

O relatório do DESA/ONU (2019) enfatiza a importância de facilitar a migração ordenada e segura que contribui para alcançar os objetivos do desenvolvimento sustentável fixado pela ONU. Entretanto, o que se constata em nível mundial é o aumento de decretos oficiais, por parte dos governos dos países ricos, que limitam as migrações e criminalizam os migrantes (OLIVEIRA, 2016).

Somam-se às cifras migratórias uma multidão de refugiados. De acordo com dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) publicados 26/06/2019, cerca de 70 milhões de pessoas em todo o mundo foram forçadas a deixar seus lares, abandonando as cidades e até mesmo os países em que viviam para fugir de guerras, perseguições e outras formas de violência, em 2018, o que representa uma média 37 mil

⁵DESA/ONU - Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas, 2019. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/tags/desa>>. Acesso em 04 de maio de 2021.

⁶Relatório publicado pelo Inventário de Migração Internacional 2019, conjunto de dados divulgados pela Divisão de População do Departamento de Economia e Assuntos Sociais (DESA) da Organização das Nações Unidas (ONU). Dados disponíveis no site institucional da ONU (www.nacoesunidas.org).

⁷Para o DESA/ONU (2019, p. 16), as pessoas da África subsaariana (89%), Leste e Sudeste Asiático (83%), América Latina e Caribe (73%) e Centro e Sul Asiáticos (63%) saíram da mesma região onde agora residem. Em contraste, a maior parte dos migrantes internacionais que viviam na América do Norte (98%), Oceania (88%) e Norte da África e Oeste Asiático (59%) nasceram fora da região de residência.

⁸De acordo com o relatório DESA/ONU (2019, p. 8), entre 2010 e 2017, o número global de pessoas refugiadas e em busca de asilo cresceu cerca de 13 milhões, correspondendo a quase um quarto do aumento do número de todos os migrantes internacionais. Norte da África e Oeste da Ásia receberam cerca de 46% do total de pessoas em situação de refúgio ou em busca de asilo, seguido por África Subsaariana (21%).

pessoas deslocadas por dia, fugindo da violência e da intolerância⁹. O Relatório Tendências Globais (Global Trends) do ACNUR/2019, aponta que a maioria dos refugiados vive em áreas urbanas (58%), e que 53% dos refugiados são crianças com até 16 anos incluindo muitas que estão desacompanhadas ou separadas de suas famílias.

Estes dados internacionais de migração e refúgio também se fazem presentes em Roraima, mais especificamente, com os migrantes e refugiados venezuelanos que desde 2015 atravessam a fronteira e se concentram na capital Boa Vista. Entretanto, pouca atenção se dá às temáticas mais subjetivas que exigem uma reinterpretação das informações quantitativas dos processos migratórios¹⁰. De acordo com Oliveira (2016, p. 39), “os dados que quantificam os contextos migratórios revelam que, por trás dos números e das cifras, existem pessoas concretas que precisam de atenção”. Além disso, os migrantes revelam outros aspectos da fronteira para além da relação geopolítica. Para Mezzadra (2015) as “lutas de fronteira” protagonizadas pelos migrantes contribuem para compreender e problematizar o tema da fronteira.

As lutas de fronteira não acontecem necessariamente ao redor das fronteiras é particularmente evidente se considerarmos um lema muito difundido durante as grandes manifestações dos migrantes latinos nos Estados Unidos em 2006: “*We Didn't Cross the Border, the Border Crossed Us*”. Independentemente do contexto histórico deste lema, que recorda a guerra entre o México e os Estados Unidos e o Tratado de Guadalupe Hidalgo de 1848, ele expressa, de forma clara, uma tendência que pode ser documentada em referência a muitos outros casos e experiências. O ponto essencial é que a proliferação e a heterogeneização das fronteiras no mundo contemporâneo colocam em crise a distinção clara entre interno e externo, que tem sido uma das premissas fundamentais da política e do direito internacionais modernos (MEZZADRA, 2015, p. 21).

Dessa forma, fronteira não é algo imposto para separar os povos ou o território entre países. Pelo contrário, a fronteira amplia as relações sociais e cria o ambiente para as relações interculturais com a circulação de pessoas concretas portadoras de culturas distintas que circulam nos trajetos migratórios. Mesmo com a proximidade geográfica entre o Brasil e a Venezuela, o que se nota são padrões culturais completamente distintos que se completam e se interpretam nos encontros transfronteiriços. A começar pelo passado de colonização ou a atual neocolonização, os dois países têm heranças opressoras distintas de Espanha e Portugal, a começar pela língua.

⁹ Relatório Tendências Globais ou Global Trends, lançado anualmente, geralmente no final do primeiro semestre de cada ano. Publicado no site oficial da instituição no Brasil: www.acnur.org.

¹⁰Relatório de Migração Global 2020. Número de migrantes internacionais no mundo chega a 272 milhões. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2019/11/1696031>>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

Toda a cultura implica em processos permanentes de “construção, desconstrução e reconstrução” (SILVA NETO, 2020, p. 104). Esta dinâmica pode ser observada na atual conjuntura migratória em Roraima, especialmente, a migração venezuelana que resulta, necessariamente, em contatos interculturais que podem se tornar extremamente dinâmicos e interativos, ou o contrário especialmente quando o Estado

assume a responsabilidade de controle e regularização migratória, enquanto se exclui de outras funções ao delegar a sociedade civil atribuições de acolhimento, em termos de moradia, alimentação e inclusão laboral. No entanto, o que se observa é uma inação do Estado Central, o Governo Federal só passou a atuar no início de 2018, com edição da Medida Provisória nº 820, convertida em Lei nº 13.684/18, que estabelece medidas de assistência emergencial aos migrantes, ao abordar a situação migratória como “crise” humanitária emergencial. Cria o Comitê de Assistência Emergencial, a lei objetiva articular ações integradas entre os governos federal, estaduais, distrital e municipais, como instrumento de cooperação federada (ALBUQUERQUE, 2022, p. 21).

Ao insistir em lidar com as migrações como algo transitório e passageiro, o estado de Roraima nega sua história construída em diversos e sucessivos processos migratórios e se furta a abordagens menos economicistas. Na psicologia social, por exemplo, a migração é discutida na perspectiva do migrante como sujeito de direitos. Nesse sentido, o migrante é reconhecido num processo de tomada de decisão antes da partida, podendo desempenhar um protagonismo importante de inclusão na sociedade de acolhimento. É também um tema sociológico, pois tanto a estrutura social como o sistema cultural dos lugares de origem como de destino, são afetados pela migração. Para a sociologia marxiana, os migrantes não são aventureiros, são trabalhadores com direitos negados, enxotados pelo capital que encontrou na migração uma justificativa para se livrar dos encargos trabalhistas.

O contexto atual de redução do trabalho vivo e aumento do desemprego, bem como das ocupações sem contrato de trabalho, informais, flexíveis, temporárias e precárias, provoca a maior mobilidade dos trabalhadores entre setores de produção e locais de trabalho. Nesse contexto, a ideologia do indivíduo empresário de si mesmo ganha força, ele precisa se destacar, buscar um diploma, ter um seguro saúde, aposentadoria, carro ou moto própria...para ter condições de competir com outros empresários de si mesmos. E tudo por mérito próprio, graças ao seu esforço e talento. É o trabalhador que não vai dar despesa, o Estado e a empresa não têm mais o encargo com ele. Além disso, o trabalhador se dispõe a deixar sua família, casa, amigos, cidade natal para vender sua força de trabalho em que houver procura. Torna-se assim totalmente disponível ao mercado de trabalho. E tem um agravante ainda, visto que ele já não encontra um lugar seguro para se fixar, tendo que se deslocar com mais frequência, exigindo desprendimento e adaptabilidade, ou seja, capacidade de submeter-se ao novo (VENDRAMINI, 2018, p. 242).

De acordo com a autora, na perspectiva marxista, mais do que entender a migração, se faz necessário conhecer e interpretar o migrante como trabalhador deslocado. Numa análise mais profunda, a migração produzida pelo sistema capitalista, desloca toda a família afetada pelo desemprego ou pela precarização do trabalho e afeta toda a sociedade. Entretanto, para a sociologia, o deslocamento não é somente a mobilidade do trabalho ou do trabalhador. Para a autora em questão,

Não há dúvida de que os dados da realidade evidenciam mudanças nos padrões migratórios. Entretanto, avaliamos que a superação das dualidades entre origem e destino, rural e urbano, centro e periferia, temporário e permanente, podem ser compreendidas recorrendo à dialética do materialismo histórico. Com isso, não precisamos recorrer a outras noções (como campo e espaço migratório, território circulatório ou fenômeno de mobilidade), pois a própria categoria migração, compreendida no contexto do modo capitalista de produção que tem como base a exploração do trabalhador para a produção de mais valor, nos permite analisar a realidade do movimento migratório para além da aparência e na sua totalidade. Compreendemos que a dicotomização ou fragmentação da realidade inviabiliza uma análise de totalidade que permita compreender as relações sociais ou o processo histórico que move as pessoas a migrarem, seja interna ou internacionalmente, como trabalhador temporário ou permanente, qualificado ou sem qualificação (VENDRAMINI, 2018, p. 243).

A autora chama a atenção para a complexidade dos deslocamentos que separam famílias, submetem trabalhadores a condições indignas ou análogas à escravidão, à fome, à miséria e à morte programada como eliminação do sujeito empobrecido. A negação do migrante como sujeito de direitos (OLIVEIRA, 2020)¹¹ está na raiz da negação da migração como um direito e na determinação da imposição da migração como mais um mecanismo de opressão capitalista. No entanto, para Vendramini,

A migração não se constitui num fenômeno atual, ainda que venha ganhando um volume maior e apresente diferentes características, em termos de padrões espaciais, causas e consequências, formas e tipos de movimentos, duração e grupos que migram. Pretendemos apreender, inicialmente, a essência do movimento que gera a necessidade da migração, ou seja, as forças que movemos capital na direção da sua crescente valorização por meio da extração de mais valor e que produzem imensos contingentes de trabalhadores completamente disponíveis para o capital. A migração da força de trabalho acompanha o próprio processo de expansão do capital na direção da acumulação, visto que a acumulação capitalista produz uma população trabalhadora supérflua disponível para ser lançada em diferentes locais e ramos de produção. Em outras palavras, a expropriação e o desenvolvimento da maquinaria,

¹¹“Estrangeiro, nunca mais! Migrante como sujeito de direito e a importância do *advocacy* pela nova Lei de Migração brasileira” traça um panorama sobre o processo de elaboração e tramitação da Lei de Migração (13.445/2017) até sua aprovação, em 2017, um marco para a construção da política migratória nacional na garantia de direitos de migrantes. A publicação apresenta os desafios, estratégias e lições aprendidas sobre as táticas de incidência política utilizadas para convencer parlamentares a votarem no então projeto de lei. Disponível em: <https://www.conectas.org/publicacao/estrangeiro-nunca-mais-migrante-como-sujeito-de-direito-e-a-importancia-do-advocacy-pela-nova-lei-de-migracao-brasileira/> Acesso em 10/05/2022.

intrínsecos ao processo de acumulação capitalista, produz um crescente grupo de trabalhadores desempregados ou subempregados dispostos a mover-se a qualquer lugar que prometa um emprego e dispostos a trabalhar em qualquer ramo da produção. É este o exército internacional de reserva ou exército de trabalhadores excedentes o qual, ademais, pressiona a redução dos salários dos trabalhadores empregados. No capítulo A lei geral da acumulação capitalista de O Capital, de Marx busca examinar a influência que o aumento do capital tem sobre a classe trabalhadora. Em primeiro lugar entende que o processo de acumulação aumenta, juntamente com o capital, a quantidade de assalariados que transformam sua força de trabalho em força de valorização crescente do capital (VENDRAMINI, 2018, p. 243-244).

Dessa forma, se evidencia a complexidade da migração na perspectiva crítica das teorias sociológicas. Ao mesmo tempo, se abrem caminhos para novos modelos interpretativos que consideram o migrante para além da mobilidade do trabalho. O migrante como sujeito de direitos contempla outras dimensões importantes para além da condição do trabalho. Para Vendramini (2018, p. 247) “a categoria migração, na perspectiva do materialismo histórico e dialético, permite apreender o processo migratório em suas múltiplas determinações (econômicas, sociais, culturais, territoriais), enquanto particularidade e universalidade e para além do fenômeno aparente e imediato”. Dentre outras dimensões, essa perspectiva imprime no migrante a sua capacidade de produzir e fazer circular elementos culturais.

A circulação dos elementos culturais é inerente à circulação dos migrantes considerados por Sayad (1998, p. 15) como “fato social completo”. Como sujeitos portadores de cultura, os migrantes representam a oportunidade ímpar do estabelecimento de relações interculturais. Ao mesmo tempo, representam o rompimento definitivo com a fronteira geopolítica enquanto lugar de separação e acenam para a superação das divergências que separam.

Nessa perspectiva, os migrantes enquanto promotores de relações interculturais, são agentes capazes de

Partir de la descolonización del pensamiento y proponer pedagogías que permitan construir propuestas epistemológicas de educación comunitaria de que las cosmovisiones indígenas estén presentes y se proponga el buen vivir o la vida plena como horizonte para nuestras sociedades. Exige dejar de subordinar las epistemologías indígenas y establecer diálogos epistemológicos en los que sus saberes y conocimientos son recuperados, valorados y aplicados (AZMITIA, 2020, p. 46).

Desta forma, os migrantes são portadores da descolonização porque invertem a ordem das coisas impostas pelo pensamento e pelas práticas colonialistas e neocoloniais. Ao transitar pelas fronteiras, inauguram novas apropriações do conhecimento e das práticas interculturais. Logo, a circulação dos migrantes já implica em relações interculturais que reinterpretam as

fronteiras. Um recorte da música ‘Peabiru’, composição de Almir Sater e Paulo Simões, lançada em 2020, questionam o espaço da fronteira pautado na geopolítica da omissão do Estado e no lugar das aventuras:

Quem souber podia me dizer, em que é que a gente se meteu
 Nessa imensa faixa de fronteira, cujo nome é terra de ninguém
 Em que reina e manda qualquer um, em que o rei pode ser um fora da lei. Na
 promessa de um Eldorado, vinham almas aventureiras
 sempre a procurar horizontes, venceram até cordilheiras, e o pacífico era azul (Almir
 Sater / Paulo Simões, 2020).

Nessa perspectiva quase poética, conferida pela arte, a fronteira não é apenas uma “imensa faixa” fixa. É território vivencial transposta inexoravelmente pela circulação dos migrantes. A permanente circulação transfronteiriça dos migrantes exige a presença e a postura do Estado para que não lhe seja imputada a qualidade de “terra de ninguém”. Dessa forma, a migração provoca a atuação do estado que, no caso de Roraima, tem optado por uma atuação fundada na militarização e na securitização, ao invés de investir em práticas interculturais e políticas públicas migratórias.

Para Albuquerque (2022, p. 58) trata-se de uma estratégia equivocada, baseada no negacionismo porque na “securitização, a lógica aborda a política de migração por meio da segurança nacional, social, cultural e trabalhista dos países receptores. Assim, o migrante é observado como possível ameaça, em termos de terrorismo internacional, tráfico de entorpecentes, ou crimes de ordem geral”. Agindo assim, o Estado perde a chance de lidar com a migração como oportunidade de interculturalidade e se deixa guiar pelo sistema capitalista que reproduz nas migrações as relações desiguais, injustas e opressoras. Mais grave ainda, se alia aos processos de criminalização dos migrantes que não permitam à sociedade reconhecer que as migrações são produzidas em larga escala, de forma estrutural e sistemática, por um sistema econômico baseado na exclusão e nas desigualdades sociais (OLIVEIRA, 2019).

A migração faz parte da movimentação dos povos. Deste a antiguidade já existia registros dessa movimentação em busca de qualidade de vida. Quando ela não é forçada, muitos profissionais qualificados migram em busca de melhorar o seu fator econômico e com isso torna-se mais fácil enfrentar as diversidades encontradas ao longo do caminho. Quando a migração é inevitável, sem planejamento e preparação, percebeu-se que as barreiras a serem enfrentadas foram bem maiores. A língua, as dificuldades de adaptação regional, o clima, o recebimento nem sempre suficientemente adequado, o desemprego entre outras necessidades

como a falta da família. Essas barreiras dificultam mais ainda o enraizamento no novo local. A identidade territorial e a e as estratégias de inclusão e sobrevivência são fundamentais.

1.2 Migrações transfronteiriças na Amazônia

Segundo Hissa (2002), a reflexão sobre limites e fronteiras é, também, uma discussão sobre o poder, na medida em que fronteiras e limites servem para estabelecer domínios e demarcar territórios. O limite estimula a ideia sobre a distância e a separação, enquanto a fronteira movimenta a reflexão sobre o contato e a integração.

Conforme Sack (1986, p.19) “os limites dos territórios não são imutáveis, mudam de acordo com as estratégias e recursos de controle e delimitação do espaço”. Nesta mesma linha de pensamento, Cataia (2007, p. 08) destaca que “o século XX foi pródigo na criação de novos compartimentos: no início do século o mundo possuía aproximadamente cinquenta territórios nacionais, hoje esse número passa de duzentos. Assim, o surgimento de díades ou fronteiras também é função do tempo”.

Para Raffestin (1993), na concepção geopolítica o Estado existe quando uma população ocupa determinado território e exerce soberania e poder sobre ele. Assim, para se caracterizar um Estado, é indispensável à análise da população, do território e da autoridade.

As fronteiras tradicionais estão sendo rompidas na geopolítica atual, como, por exemplo, a partir da Organização Mundial do Comércio (OMC), que se propõe mundializar os espaços econômicos nacionais, orientado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial, além de outras escalas, alianças, acordos e da construção dos chamados blocos econômicos (NEVES, 2000). Seguindo essa perspectiva, Ianni (2007) afirma que, ao se globalizar, o mundo se regionaliza pelas suas particularidades naturais e culturais. Entretanto, permanecem os desafios da acolhida e inclusão das diferenças como valores e não como impedimento de novas relações sociais e culturais.

As contradições e ambiguidades do capitalismo globalizado, financeirizado, neoliberal, científico e informacional trazem à reflexão situações espaciais distintas em um momento espaço-temporal nunca visto (CASTROGIOVANNI, 2010). Ainda de acordo com o mesmo autor (2010, p.12), no século XXI as fronteiras tradicionais “estão caindo ou se reerguendo? Estão permanecendo ou estão se transformando? Estão na mesma escala ou em processo de estabelecimento em outra escala? Elas geram articulações transfronteiriças ou estão se defendendo?”.

Conforme Castrogiovanni (2010, p. 12): “espaço geográfico é um acúmulo desigual de tempos e a fronteira sem dúvida não está alheia a esta lógica”. Dessa forma estabelece a diferenciação entre limite e fronteira, além disso, faz menção aos vários tipos de fronteiras, definindo a fronteira política. Dessa forma as fronteiras políticas estão associadas a uma jurisdição territorial, idealizada para o exercício do poder político-administrativo.

Para Machado (2002) as noções de limite e fronteira emergem com a constituição dos Estados Nacionais e suas definições são marcadas pelas mudanças ao longo do tempo. Em seu debate teórico, a autora destaca o limite internacional, considerando o como regulador das relações interestatais. Em relação à fronteira, considera uma zona percorrida pelo limite internacional, portanto, espaço relacional de territorialização de grupos humanos e das redes de circulação.

Cataia (2007, p. 1) ressalta a relevância das fronteiras no panorama geopolítico mundial no qual “a unificação técnica do mundo não implica em sua união política. Quanto maior é a unificação técnica do mundo, maior é a sua compartimentação com a relevância das fronteiras internacionais”. Além disso, Cataia (2007) conceitua fronteira e limite, estabelecendo o papel da fronteira como meio de informação.

Hissa (2002) também apresenta um conceito detalhado sobre fronteira e limite, estabelecendo suas diferenças. Dentre suas inúmeras colocações, pode-se destacar a fronteira vista como “front”, estar à frente, como se ousasse representar o começo de tudo em que deveria representar o fim; o limite parece significar o fim do que estabelece a coesão do território.

Martins (2009) apresenta uma discussão sobre fronteira pautada na visão sociológica, numa abordagem dos movimentos de expansão da fronteira brasileira. Na sua obra “Fronteira, a degradação do outro nos confins do humano”, a preocupação central na definição de fronteira, é a dimensão social: “a figura social da fronteira e de sua importância histórica não é o chamado pioneiro. A figura central e metodologicamente explicativa é a vítima” (MARTINS, 2009).

Para o autor a fronteira não se reduz a uma questão unicamente geográfica, mas, “fronteiras de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização, fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, sobretudo, fronteira do humano” (MARTINS, 2009, p. 11).

Seguindo essa visão sociológica, Martins ainda ressalta que fronteira é “lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na

fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história” (MARTINS, 2009, p. 133). Nesta mesma linha teórica, Costa afirma que

Alguns conceitos clássicos, como o de “fronteira natural” ou “fronteira movente”, por exemplo, foram rechaçados já no início do século XX – com Vallaux e Ancel – e posteriormente pelos norte-americanos. Por outro lado, a idéia de fronteira (zona) e fronteira (limite), de Fawcett, acabou por consagrar-se e é aceita até hoje, bem como o seu significado de “isóbara política” (de Ancel) que, apesar de sofrer restrições de alguns autores, tem ainda inegável prestígio, até mesmo pela sua originalidade (COSTA, 1992, p. 291).

Frente aos movimentos de integração econômica entre os países, abrem-se novas perspectivas para a compreensão do significado atual das fronteiras. Desta forma, antigos conceitos de fronteira são redefinidos e recebem uma roupagem menos rígida e mais integradora, propondo o entendimento de “zonas de integração e de articulação” (COSTA, 1992). E destaca ainda a dimensão temporal e não exclusivamente a espacial, entendendo a fronteira como zona que separa realidades espaciais distintas, em tempos desiguais.

Segundo Saquet (2007, p. 30): “A sociedade se transforma em Estado para garantir a posse e proteção dos recursos de que necessita, como o solo, a água e os alimentos”. Para Castro (2011, p. 95): “as relações de poder supõem assimetrias na posse dos meios e nas estratégias para o seu exercício, e o território é tanto um meio como uma condição de possibilidade de algumas destas estratégias”.

Jean Gottman (1973) associa o conceito de território à dominação de uma determinada área, para o exercício da soberania territorial, principalmente na época da formação dos Estados, no chamado Mundo Novo. Desta forma, evidencia a proximidade do território com o Estado. Já Saquet (2007, p.45), observa “um salto qualitativo, referente às concepções renovadas de território, ocorre com as pesquisas e reflexões de Jean Gottmann, a partir de sua formação na escola francesa”. Conforme Gottmann (1973), a organização do espaço também integra fatores naturais, o que normalmente é negligenciado quando se trata de sua contribuição na geografia. Sinaliza, dessa forma, para uma abordagem que reconhece as dimensões sociais do território e o ambiente natural.

Haesbaert (2006) apresenta uma definição de território com dupla conotação, na qual o poder, não se refere apenas ao poder político, mas a complexidade de relações que ocorrem na organização territorial, de uma dominação político-econômica e/ou uma apropriação mais subjetiva e simbólica. Ele tece importantes debates baseados nas concepções de território, enfatizando as derivações que esse conceito pode assumir: territorialidade, desterritorialidade,

reterritorialidade e multiterritorialidade. Essas derivações evidenciam a ênfase nas relações sociais, na apropriação e na reapropriação territorial na abordagem de Haesbaert (2006). Becker (1983, p. 8) observa que o processo de produção do território é determinado pela infraestrutura econômica, regulado pelo jogo político que implica também na noção de limite, na forma do território e na malha territorial que são manifestações de relações de poder.

Souza (1995), por sua vez, apresenta uma definição de território associada às relações de poder e sua materialidade no espaço geográfico. “O território (...) é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995, p. 78). No entanto, o seu entendimento não desconsidera as dimensões políticas, culturais e econômicas, para definir o conceito de território, ao conceber que as relações de poder envolvem as demais dimensões desde os recursos naturais de uma área específica, bem como as ligações afetivas e a identidade de cada grupo social com o espaço. Para Souza essa não é a questão fundamental, o primordial é: “quem domina ou quem influencia e como domina esse espaço?” (SOUZA, 1995, p. 78). Dessa forma, a questão central, do ponto de vista conceitual são os processos de territorialização e desterritorialização, que consistem em “um processo que envolve relações de poder e a projeção dessas relações no espaço que, simultaneamente, também é, enquanto substrato material e “lugar”, uma referência e um condicionador das práticas de poder” (SOUZA, 2008, p. 60).

1.3 Recortes teóricos sobre a migração venezuelana em Roraima

Na pesquisa exploratória se constatou que como resultado da intervenção externa, especialmente por parte dos Estados Unidos, a Venezuela passa por uma desregulamentação política e econômica que fez com que muitos migrantes fossem deslocados para os países mais próximos em busca de refúgio e de novas oportunidades ou possibilidades de sobrevivência.

O Brasil é o quinto destino mais procurado por esses migrantes para viver. De janeiro de 2017 a março de 2022, o Brasil recebeu 325.763 venezuelanos que permaneceram aqui. Em primeiro lugar está a Colômbia, com 1.842.390 refugiados venezuelanos; seguida pelo Peru, com 1.286.464. Equador (513.903) e Chile (448.138) ocupam a terceira e quarta posição, respectivamente. Os dados são da plataforma R4V, que reúne informações do sistema das Nações Unidas e do governo brasileiro¹².

¹²Brasil é o quinto país mais buscado por migrantes venezuelanos. Migrantes percorrem milhares de quilômetros em busca de vida melhor. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/brasil-e-o-5o-pais-mais-buscado-por-migrantes-venezuelanos>. Acesso em: 10/08/2022.

Desde o ano de 2015 o estado de Roraima vem apresentando o maior movimento por migrantes via terrestre entre as demais federações. Estas cifras revelam que a Amazônia se encontra profundamente marcada pela mobilidade humana, e tem sido desafiada a acolher, compartilhar, cuidar e integrar os migrantes e refugiados. Observa-se que essa movimentação influenciou no espaço geográfico e nas políticas brasileiras de acolhimento.

A crise venezuelana tem redimensionado as migrações fronteiriças na América do Sul, desbordando as capacidades de governos locais, ativando uma maior presença das instituições estatais nessas regiões, evidenciando problemas prévios à chegada de migrantes em municípios fronteiriços e mudando a cotidianidade das populações de fronteira (NINÓ, 2020, p. 03).

Nos últimos anos, dois momentos intensificaram a entrada de migrantes na fronteira, em virtude do fechamento da fronteira Brasil/Venezuela. Segundo o Relatório Imigração Venezuela-Roraima 2021¹³, em 13 de dezembro de 2016, o presidente venezuelano ordenou o fechamento da fronteira com a justificativa de combater as máfias de contrabando de bolívares, a moeda venezuelana.

Até então, havia uma parceria de comércio entre brasileiros e venezuelanos, como por exemplo, o posto de gasolina internacional na cidade de Santa Elena que era o único a abastecer o município fronteiriço brasileiro de Pacaraima, sendo interrompido com o fechamento da fronteira Brasil/Venezuela em 2016. E o posto de gasolina mais próximo é o da capital de Roraima, Boa Vista, a 220 km de distância. Estudantes venezuelanos que estudavam em município brasileiro não puderam mais frequentar as aulas.

Adiante, em 21 de fevereiro de 2019, o governo anunciou um novo fechamento, após tentativas do líder da oposição de trazer carregamentos de ajuda humanitária em caminhões via cidade fronteiriça de Pacaraima, em Roraima. Essa decisão mudou o cenário do município de Pacaraima. Com a queda do comércio local, ocorreu novamente o desabastecimento de combustível, evasão escolar, aumento da pobreza e da criminalidade na região.

Mesmo com o fechamento da fronteira em 2019, não impediu a entrada dos migrantes venezuelanos que utilizavam de rotas alternativas para adentrarem no Brasil. Em 10 de maio de 2019, data de reabertura da fronteira, houve a retomada das vendas no comércio local, que acrescentaram em média superiores àquela antes do fechamento (IPEA, 2021 p. 9). E em virtude da Pandemia Covid-19 em março de 2020, o presidente fechou parcialmente a

¹³ Relatório Imigração Venezuela-Roraima 2021. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, 2021. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10418/1/Imigracao_Venezuela_Roraima.pdf. Acesso em: 17 de abril de 2022.

fronteira, porém, após o fechamento por um ano, o governo federal permitiu a entrada de migrantes venezuelanos em situação de vulnerabilidade.

Frente ao intenso movimento migratório, depois de muitas críticas e passado três anos do seu início, o governo brasileiro constituiu a Operação Acolhida como forma de resposta humanitária aos migrantes e refugiados. Pinho (2019) descreve as bases legais que regulamenta a operação acolhida e atuação do Exército Brasileiro.

Constituição Federal (1988) – Lei Complementar 97/1999, de junho de 1999, alterada pelas Leis Complementares 117 de 02 de setembro de 2004 e 136 de 25 de agosto de 2010 (Dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas).– Lei Nr 13.445, de 24 de maio de 2017 (Dispõe sobre os direitos e os deveres do migrante e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas). – Medida Provisória Nr 820, de 15 de fevereiro de 2018 (Dispõe sobre medidas de assistência emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária). – Decreto Nr 9.285, de 15 de fevereiro de 2018 (Reconhece a situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária na República Bolivariana da Venezuela). – Decreto Nr 9.286, de 15 de fevereiro de 2018 (Define a composição, as competências e as normas de funcionamento do Comitê Federal de Assistência Emergencial para acolhimento a pessoas em situação de vulnerabilidade de corrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária) e – Resolução Nr 001, de 21 de fevereiro de 2018 – Designação do coordenador operacional para os trabalhos de ajuda humanitária em decorrência de fluxo migratório da República Bolivariana da Venezuela (PINHO, 2019, p 22).

Para Pinho (2019), as funções do Exército Brasileiro são desenvolvidas visando a “garantia dos direitos fundamentais em suas diversas dimensões, preservando os poderes constitucionais previstos na Constituição Federal”, com as “repressivas e as preventivas, sempre na busca de bem cumprir seu dever”. O Exército Brasileiro recebeu a missão de “planejar, coordenar e executar a resposta do Estado Brasileiro ao problema decorrente da maciça entrada de migrantes venezuelanos pela fronteira norte do país”.

Pinho (2019), descreve os pontos de destaque na operação liderada pelo Exército Brasileiro, na criação de abrigos com estrutura altamente organizada, na quantidade de apoios prestados aos migrantes, no fornecimento de alimentação de qualidade durante 3 refeições diárias e nos trinta dias do mês, no apoio médico e psicológico, na quantidade de abrigos abertos com oportunidade e rapidez e na coordenação entre os diversos órgãos envolvidos no apoio e o processo de interiorização do migrante e sua inserção na sociedade brasileira. O modelo de resolução do problema contemplou estruturas nas cidades de Pacaraima e Boa Vista, e por isso esse paradigma mostrou os resultados de tal organização nas duas localidades.

1.4 A microssociologia das migrações

O termo microssociologia envolve atores que em conjunto possibilitam a observação mútua, isto é, quando ocorre uma interação ou relação por meio de pessoas, comportamentos, e ações, que são observadas em sua totalidade (BRANDÃO, 2001). A designação deste termo envolve um cenário de relações sociais da experiência gerada quando há dois fenômenos/indivíduos, envolvidos em uma cena social, no caso referido, os estudantes migrantes do ensino médio. De um lado, os jovens venezuelanos em situação de migração, com suas histórias, sofrimentos e esperanças, de outro lado, os estudantes brasileiros que acolhem e interagem com novos sujeitos sociais. Na conjuntura das migrações, as relações macrossociais podem ocorrer de diversas maneiras, sendo que,

Numa interação, um indivíduo influencia e é influenciado por outro, de modo que há uma relação de troca. O que caracteriza a unidade que se forma desta relação - a sociedade - e a distingue de um mero agregado de indivíduos, é o princípio da reciprocidade de efeitos entre as ações individuais. A reciprocidade é um elemento fundamental na teoria simmeliana, pois ela é o que mantém as interações e, conseqüentemente, a existência da própria sociedade. A reciprocidade é anterior à interação para o indivíduo, uma vez que ela é constitutiva da ordem social. Portanto, para Simmel, a unidade básica de relação social é a interação, sempre orientada e sustentada pela reciprocidade (MASCARENHAS, 2012, p. 242).

A teoria da microssociologia fundamentada na sociologia clássica de Simmel, se atenta para o conjunto das microrrelações sociais. No caso estudado, são aquelas relações que se processam nas salas de aula do ensino médio ou no convívio dos estudantes para além da sala de aula.

A microssociologia pode ser observada nas relações de reciprocidade ou de repulsa que se processam no cotidiano da sala de aula quando os estudantes se veem diante de novas experiências culturais, linguagens e costumes. As mudanças de variações linguísticas são as mais notadas nos processos de acolhimento e aproximação, se dá no meio social, pela forma de comportamento, em situações como “aspirações à ascensão social, mobilidade e insegurança social, mudanças na estratificação e segregação social” (LABOV, 2008, p. 150).

Labov (2008) é solícito para que observemos a estrutura social conforme a estrutura da linguística, e as mudanças na estrutura linguística ocorrem quando há mudanças na estrutura social. Isto significa que as variáveis linguísticas podem mudar conforme um meio social, com influências das forças de um ambiente social. Isto mostra que a sociolinguística está no

processo da fala e sociedade, em que este processo ocorrerá uma sistematização na compreensão entre as variantes (LABOV, 2008).

A quantidade de jovens em deslocamentos migratórios da Venezuela ao Brasil merece especial atenção porque representam um seguimento importante na atual conjuntura migratória¹⁴. No conjunto das categorias deslocadas encontram-se também muitas crianças e adolescentes que se encontram em situações de vulnerabilidade. A inserção das crianças, adolescentes e jovens no novo sistema educacional brasileiro representa um grande desafio para as famílias migrantes que têm na sobrevivência a principal meta nos primeiros estágios da migração. Logo, a educação fica em segundo ou terceiro plano.

Segundo Costa e Senhoras (2022), a migração por sobrevivência começou no ano de 2015 em pequena escala de migração, cujo objetivo era de sobreviver e na busca por melhores condições de vida. A população de Roraima passou a perceber apenas no ano de 2017, pois o avanço foi grande, e o número de refugiados cresceu devido à falta de alimentos que a Venezuela estava passando. E todo este movimento foi chamado atenção pelas mídias sociais (COSTA E SENHORAS, 2022).

A UNICEF, em parceria com a Organização dos Migrantes (OIM), realizou orientações e a organização dos materiais para a transferência escolar de estudantes refugiados e migrantes oriundos da Venezuela, que estavam em abrigos, em ócio, fora da sala de aula (OIM/UNICEF, 2021)¹⁵. O que chamou atenção nesta iniciativa foi à capacitação dos estudantes menores de idade, com conhecimentos acerca da cultura brasileira, para que quando fossem inseridos em sala de aula, pudessem compreender alguns costumes brasileiros. A figura 02 apresenta todo o processo de migração, que vem pelos motivos da saída do país, das perspectivas, das questões sociais, da necessidade e o que ocorre quando se há encontro entre duas culturas.

O desafio da migração na microssociologia dos jovens migrantes está desde a saída de sua terra natal (ruptura cultural) até a chegada e encontro com essa cultura distinta, em um novo espaço geográfico. Em que estes jovens, buscam novas oportunidades de trabalho e crescimento econômico. Cunha (2015, p. 13) ao falar da obra “*La doble ausência*” de Sayad, descreve:

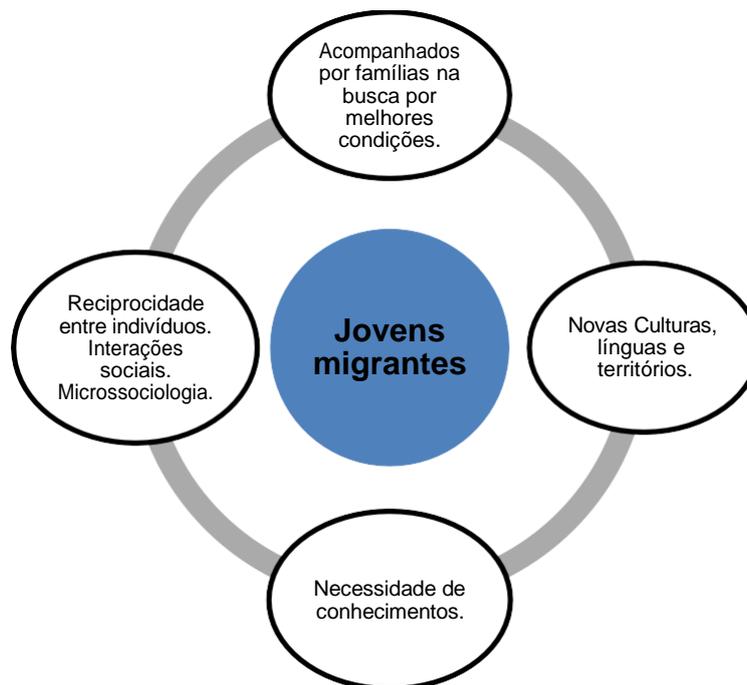
¹⁴Jovens venezuelanos falam sobre suas expectativas e sonhos no brasil. Disponível em: <<https://sjmrbrasil.org/jovens-venezuelanos/>>. Acesso em: 06 de maio de 2022.

¹⁵Crianças da Venezuela recebem apoio para continuar a estudar, UNICEF Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/historias/criancas-da-venezuela-recebem-apoio-para-continuar-a-estudar>>. Acesso em: 06 de maio de 2022.

Um grande desafio principalmente para as crianças em idade escolar, quando imigram acompanhando seus pais, no caso de imigração familiar. Esta criança que vai com sua família para um novo país também precisa abrir mão de muitos de seus antecedentes culturais em prol de uma nova socialização no novo país, ou seja, isto implica dizer que, mais que seus pais, ela precisa incorporar os costumes e as regras sociais para que seja integrada rapidamente a um novo e diferente modelo de vida e sistema de ensino e, na maioria das vezes, aprender um novo idioma simultaneamente, se este for diferente de sua língua materna, a qual ainda é falada em casa (CUNHA, 2015, p. 13).

As decisões destas saídas (rupturas), em que estas pessoas saem do seu lugares de origem, são desafiadoras, geralmente estas perspectivas acompanham de fatores além de positivos, entraves desafiadoras para o desenvolvimento deste processo, até a sua chegada e conquista. A chegada dos jovens migrantes venezuelanos no Brasil, condicionam um impacto linguístico, social e cultural, cujos modos são diferentes, ainda que sejam de países vizinhos. Estas relações mobilizam culturas e costumes.

Figura 02 - Processo de migração de jovens venezuelanos para Roraima



Fonte: Elaboração autoral (2022).

Pautado no pensamento de Freitas (2011, p.11), “o deslocamento de populações é, por si só, um fato social, político e econômico”. O resultado destes processos se reproduz em nível micro na Educação e pode ser observado em uma sala de aula, com o um recorte da sociedade (SIMMEL, 2006).

Ramos (2007, p. 238) afirma que “a escola constitui também para as famílias migrantes ou de minorias étnico-culturais, como um espaço importante de contato e integração na sociedade e desempenha um papel fundamental”, pois eles depositam na escola suas esperanças e o êxito social. Entretanto, como a escola é um recorte da sociedade, nem sempre está inteiramente preparada para o acolhimento e a integração dos migrantes. De modo especial nessa região de fronteiras que historicamente tem ignorado o debate sobre a interculturalidade e as relações transfronteiriças para além dos interesses comerciais.

CAPÍTULO 2 – INTERAÇÕES INTERCULTURAIS NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS

Este capítulo coloca em debate o tema das migrações na perspectiva intercultural resultante do convívio entre culturas, num contexto de globalização econômica, social e cultural que se torna um desafio. Por um lado, se assiste a uma convergência cultural, mas por outro lado, há uma afirmação cada vez maior das próprias culturas.

2.1 Do multiculturalismo à Interculturalidade

Com o aumento dos movimentos migratórios culturalmente distintos, as tensões, fruto do aumento da heterogeneidade das sociedades irão certamente crescer, porém, não podem impedir as interações interculturais que ocorrem de forma simultânea com o encontro de culturas (BÄCKSTRÖM; CASTRO-PEREIRA, 2012, p. 96). Enquanto o multiculturalismo busca nivelar as culturas, a interculturalidade prioriza o encontro e a interação entre as culturas e procura manter o respeito às diferenças como um valor e não como um problema.

Nesta perspectiva, Candau (2008) apresenta a problemática do multiculturalismo como uma questão polêmica na atualidade. Para a autora uma das características fundamentais das questões multiculturais é o fato de estarem atravessadas pelo acadêmico e o social, a produção de conhecimentos, a militância e as políticas públicas. Ressalta as lutas dos grupos sociais discriminados e excluídos de uma cidadania plena, os movimentos sociais, especialmente os relacionados às questões étnicas e, entre eles, de modo particularmente significativo, os relacionados às identidades negras, que constituem o *lócus* de produção do multiculturalismo.

Para Candau (2008) o multiculturalismo é uma característica das sociedades atuais e o primeiro passo para uma reflexão a respeito desse tema é considerar as leituras realizadas pelas abordagens: descritiva e prescritiva. Para a autora, na abordagem descritiva enfatizam-se a descrição e a compreensão da construção da formação multicultural de cada contexto específico, configurações multiculturais dependem de cada contexto histórico, político e sociocultural. Já a perspectiva prescritiva compreende o multiculturalismo como uma maneira de intervir e de transformar a dinâmica social.

Candau (2008) aponta ainda três perspectivas que estão na base dessas abordagens: o multiculturalismo assimilacionista, o multiculturalismo diferencialista ou monoculturalismo plural e o multiculturalismo interativo, também denominado interculturalidade. Desta forma, a

abordagem assimilacionista parte do princípio de que vivemos numa sociedade multicultural, no sentido descritivo. Nessa sociedade não existe igualdade de oportunidades.

Dessa forma, a política assimilacionista favorece a integração na sociedade a partir da incorporação da cultura hegemônica - perspectiva prescritiva. Nesse sentido, não se muda a matriz da sociedade, buscam-se assimilar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica.

Assim, a educação promove uma política de universalização da escolarização, mas não coloca em questão o caráter monocultural presente na sua dinâmica, nos conteúdos curriculares, nas relações entre os diferentes atores, nas estratégias utilizadas nas salas de aula e nos valores privilegiados (CANDAU, 2008).

Na perspectiva do multiculturalismo diferencialista, quando se enfatiza a assimilação, se termina por negar a diferença ou por silenciá-la. E tem como proposta colocar ênfase no reconhecimento da diferença. Acredita que só desta maneira os diferentes grupos socioculturais poderão manter suas matrizes culturais de base. É enfatizado o acesso aos direitos sociais e econômicos e, ao mesmo tempo, é estimulada a formação de comunidades culturais homogêneas com suas próprias organizações nos bairros, escolas, igrejas, clubes e associações (CANDAU, 2008).

Essas duas perspectivas representam o foco das polêmicas sobre a problemática multicultural e apresentam-se como as mais desenvolvidas nas sociedades contemporâneas. Contudo, é na terceira perspectiva que a autora demonstra afinidade, por considerá-la a mais promissora para a construção de sociedades democráticas e inclusivas, que articulam políticas de igualdade com políticas de identidade, um multiculturalismo aberto e interativo, com ênfase na interculturalidade (CANDAU, 2008).

Para a autora em questão, a abordagem intercultural passa, necessariamente pela educação para o reconhecimento do “outro”, para se chegar o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Ou seja, direcionada para a construção de uma sociedade democrática, plural, humana. Assim, Candau (2008) empresta de Catherine Walsh (2010) o conceito de interculturalidade:

[...] processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade. Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. Um espaço de negociação e de tradução em que as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. Uma tarefa social e política que interpela o conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas

e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade. Uma meta a alcançar (CANDAUI, 2008, p. 10-11).

Walsh (2010) define a interculturalidade em três perspectivas: relacional, funcional e interculturalidade crítica. A perspectiva relacional refere-se à forma básica de contato e intercâmbio entre culturas, entre pessoas, valores e tradições em condições de igualdade ou desigualdade, sem se deter aos conflitos de interesses dos diferentes grupos étnicos.

De acordo com Walsh (2010), as reformas educativas da década de 1990 foram concebidas e alinhadas para atender à nova ordem multicultural do capitalismo global, portanto, a proposta de interculturalidade é baseada na perspectiva funcional.

Para Walsh (2010), a interculturalidade está intimamente ligada a um projeto social, cultural, educacional, político, ético e epistêmico, com foco na decolonização e na transformação. Assim, a interculturalidade é compreendida como proposta de mudança epistêmica capaz de provocar novos conhecimentos e diferentes leituras de mundo, sem perder de vista a colonialidade do poder, do saber e do ser.

Nesse sentido, Walsh (2010) faz uma crítica às formulações teóricas multiculturais que não questionam as bases ideológicas do Estado-Nação, partem de lógicas epistêmicas eurocêntricas, e, no campo educacional, sob o pretexto de incorporar representações e culturas marginalizadas, apenas reforçam os estereótipos e os processos de representações e culturas marginalizadas, coloniais de racialização.

Nesse sentido, Walsh (2010) propõe a perspectiva da interculturalidade crítica como forma da pedagogia decolonial, pensada a partir da ideia de uma prática política contraposta à geopolítica hegemônica, monocultural e monorracional do conhecimento.

Observamos que essa concepção de interculturalidade e multiculturalidade dos professores vai ao encontro ao que Candau (2008) denomina de política assimilacionista, que defende a integração na sociedade, mas, não questiona a cultura hegemônica e nem o caráter monocultural presente na escola. Converte também, para a concepção de interculturalidade definida por Walsh (2010), de interculturalidade funcional, ou seja, é funcional ao sistema existente, se baseia em propostas de inclusão na estrutura social estabelecida, sem discutir as causas das assimetrias e das desigualdades sociais, estabelecendo uma lógica do modelo neoliberal (Walsh, 2010).

Desse modo, Fleuri (2003) propõe a perspectiva da educação intercultural como estratégia para potencializar a própria ação desencadeada pelo conflito, mediante o diálogo e o encontro, de modo que constitua espaços alternativos produtores de outras formas de

identidades, marcadas pela fluidez, pela interação e pela acolhida do diferente. Ao contrário do multiculturalismo que não importa o valor das diferenças, a interculturalidade se faz justamente pelo encontro das diferenças que são importantes justamente por manter a diversidade de identidades como uma riqueza para toda a sociedade.

Nossas sociedades na América são resultado de um intenso processo histórico de convergência de culturas. Enquanto o conceito pluricultural é utilizado para caracterizar o contexto social, a interculturalidade descreve a relação entre as culturas dentro de um determinado contexto. O prefixo “inter” pode significar processo de interação, trocas simbólicas, interdependência; “culturalidade” se refere aos aspectos enriquecedores das culturas: valores, modos de vida, representação simbólica dos grupos e indivíduos. Interculturalidade é parte integrante dos processos históricos dos encontros entre culturas, que as levam a interagir umas com as outras. Normalmente foi pensado que esse processo teria como resultado a morte das culturas locais e ascensão de uma cultura dominadora, mas o que ocorreu foi um processo de interação e influência entre culturas, em que as diferenças permanecem e ao mesmo tempo evoluem (CASTRO, 2020, p. 17).

Para o referido autor, as interações interculturais representam importantes espaços de descolonização justamente porque afrontam a homogeneidade imposta pelo neoliberalismo em sua dinâmica neocolonizadora. Para Castro a interculturalidade é algo abrangente e a educação intercultural é o caminho necessário para as interações interculturais. Porém, quando o Estado se furta dessa perspectiva, ocorre um esvaziamento de sentido porque as escolas passam a lidar com o multiculturalismo e o nivelamento das diferenças ao invés de contribuir com a interculturalidade. Nessa perspectiva, Castro (2020) assegura que,

Na Amazônia a interação histórica da cultura indígena com a cultura ibérica, afro e nordestina fez nascer um dinamismo intercultural particular. Nela ocorreram, ao longo do processo histórico, influências recíprocas que ainda hoje geram convergências e divergências, porém sempre num dinamismo relacional. Aspectos e elementos culturais e religiosos indígenas estão presentes no cotidiano dos amazônidas. Assim como muitos elementos ocidentais passam a fazer parte da vida dos povos da região, principalmente no aspecto linguístico. O projeto colonizador procurou elaborar representações de inferiorização e demonização da cultura daqueles que foram colonizados, construindo formas de poder para o domínio colonial. Desse modo, as culturas e as sociedades locais foram dominadas e exploradas (CASTRO, 2020, p. 18).

Dessa forma, a interculturalidade reflete um projeto político de resistência ao neocolonialismo e projeta uma sociedade baseada na cultura do encontro e do respeito às diferenças e sua reafirmação como valores sociais e culturais. A ausência desses valores abre espaço para o rechaço às diferenças, a intolerância e a xenofobia.

2.3 A Educação Intercultural em contexto de migração transfronteiriça

Para além das relações meramente comerciais, os contextos transfronteiriços deveriam ser pródigos às interações interculturais. Os processos migratórios, por sua vez, potencializam a interculturalidade. Porém, se não existir um projeto de educação capaz de dar maior sentido a esse processo de interação, abre-se precedente para a xenofobia.

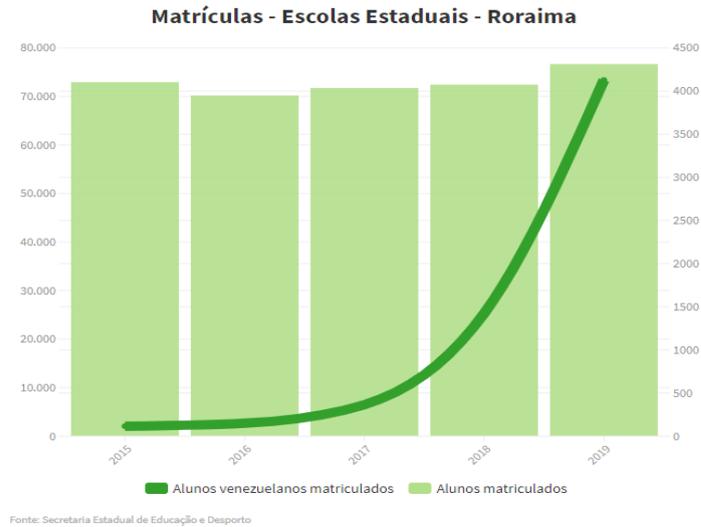
O estado de Roraima é a principal porta de entrada de migrantes venezuelanos em território nacional. Pelo relatório do IPEA/2021, desde 2015, nas cidades que receberam o maior número de migrantes do país vizinho se comparado às demais localidades de recepção, respectivamente, Boa Vista e Pacaraima.

Boa parte destes migrantes são crianças e jovens em idade escolar e “uma das grandes perdas decorrentes do deslocamento forçado é a interrupção da educação” (ALBUQUERQUE, 2019). Além disso, no processo migratório, muitos referenciais familiares, sociais e culturais sofrem ruptura, sobretudo, “as implicações culturais que os migrantes enfrentam desde a saída da sua terra, até depois de estabelecidos em novo local” (CUNHA 2015).

A educação é um direito de todos e conforme dados do Censo Escolar 2019, Roraima obteve um crescimento de 8.489% de migrantes venezuelanos matriculados na rede estadual de ensino nos últimos dez anos¹⁶. Diante da questão migratória, cresceu o número de estudantes venezuelanos matriculados nas escolas públicas, o que vem mudando o cenário da educação no estado.

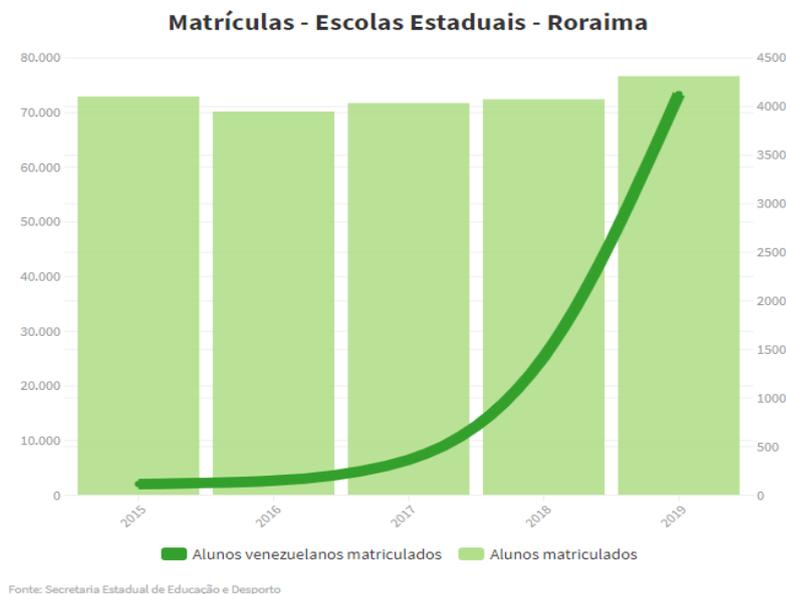
O Censo Escolar aponta que houve um crescimento de matrículas também na rede municipal de ensino que atende a educação infantil e os primeiros ciclos do ensino fundamental. Conforme a figura 03, o aumento foi bastante expressivo.

¹⁶KHATAB, MágidaAzulay. **Censo escolar**. Secretários de escolas da capital participam de capacitação para a segunda etapa de coleta de dados. Boa Vista: Portal Governo de Roraima, Segunda, 17 fevereiro 2020. Disponível em: <https://portal.rr.gov.br/index.php/component/k2/item/1353-censo-escolar-secretarios-de-escolas-da-capital-participam-de-capacitacao-para-a-segunda-etapa-de-coleta-de-dados>. Acesso em: 02 dez. 2021. Ainda sobre esse tema: *Estado, controle e fronteiras Migrações internacionais: impactos dos novos fluxos migratórios no Brasil em perspectiva multidisciplinar*. Artigo ANPCS, 2018: bibliotecadigital.fgv.br. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/25736/Artigo%20ANPOCS%202018%20Guedes%20et%20al.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 jan. 2020.

Figura 03 - Número de Matrículas nas Escolas Estaduais entre 2015 a 2019.

Fonte: Censo escolar (2019).

A figura 03 demonstra o aumento do número de matrículas de venezuelanos entre os anos de 2015 a 2019. Que partem desde os primeiros movimentos de migração até o período antes da COVID-19 (Figura 3)¹⁷.

Figura 04 - Número de Matrículas nas Escolas Municipais entre 2015 a 2019.

Fonte: Censo escolar (2019).

¹⁷ Esses dados cresceram muito nos últimos anos, entretanto, o Censo Escolar 2021 ainda não está disponível para consulta pública. Por isso, mantivemos a análise baseada no Censo de 2019.

Em 2020, o Conselho Nacional de Educação assegurou o direito de matrícula de crianças e adolescentes migrantes, refugiados, apátridas e solicitantes de refúgio nas redes públicas de educação básica brasileira. Além de outras medidas, a Resolução de nº 1 de 13 de novembro trouxe ainda que:

As escolas devem organizar procedimentos para o acolhimento dos estudantes migrantes, com base nas seguintes diretrizes:

I - não discriminação;

II - prevenção ao bullying, racismo e xenofobia;

III - não segregação entre estudantes brasileiros e não-brasileiros, mediante a formação de classes comuns;

IV - capacitação de professores e funcionários sobre práticas de inclusão de estudantes não-brasileiros;

V - prática de atividades que valorizem a cultura dos estudantes não-brasileiros; e

VI - oferta de ensino de português como língua de acolhimento, visando a inserção social àqueles que detiverem pouco ou nenhum conhecimento da língua portuguesa.

Os números demonstram o crescimento do quantitativo de matrículas de crianças e adolescentes migrantes venezuelanas tanto nas escolas do estado quanto no município. Todavia, ao tratarmos sobre políticas públicas voltadas para esse público, existe um apoio do governo estadual, por exemplo, através de uma cooperação técnica com a UNICEF, assim como o município trabalha para que todos sejam inseridos na escola pública, entretanto, nada se compara aos investimentos que deveriam ser designados para a educação como, por exemplo, em infraestrutura para acomodar esse número significativo de novos estudantes e na formação bilíngue de professores.

As migrações de fronteiras se reconfiguram com a presença de migrações transnacionais em espaços anteriormente de vizinhas regionais e apresentam desafios para a sua governança (BAENINGER *et al.*, 2018). No contexto transfronteiriço, o município de Pacaraima é um exemplo em que migrantes venezuelanos atravessam a fronteira para irem à escola.

A transfronteirização é um processo social que promove o aproveitamento e a valorização de uma fronteira. No âmbito desses processos, os habitantes transcendem a fronteira e a incorporam como um recurso em suas estratégias de vida de várias maneiras (AIKES *et al.*, 2018).

Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocamento de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos.

A importância da educação em uma região de fronteiras se dá através dessas trocas interculturais. Afinal de contas, deslocamentos migratórios e de refugiados reposicionam geograficamente indivíduos portadores de elementos de história e cultura singulares através de sociedades diversas, que acabam elas próprias se resignificando em um processo complexo de interação social (MONSMA, TRUZZI, 2018).

Pelo relatório IPEA/2021, objetivo a produção de um panorama abrangente da migração com vistas à orientação para a elaboração de políticas públicas voltadas à mitigação dos impactos provocados pelas migrações em Roraima.

Aponta-se alguns direcionamentos para política pública como: a urgente necessidade do reforço à interiorização, desde que assegurada a integração dos refugiados e migrantes no seu novo local de destino; programas de qualificação profissional voltados tanto para a população migrante como para o poder público nos municípios que recebem os fluxos; aumento da ação da rede de proteção social, em especial a partir da promoção de ações de integração social nos locais de destino; e ferramentas de monitoramento, avaliação e levantamento de informações sobre os venezuelanos antes e após a interiorização, de modo a dar melhor capacidade de resposta à emergência dos fluxos de refugiados e migrantes e aproveitar as potencialidades econômicas advindas da integração plena dos venezuelanos ao mercado de trabalho local (CAVALCANTI *et al.*, 2020 p. 17).

O reconhecimento das falhas e omissões do Estado durante os três primeiros anos do processo migratório se converteu em projetos de reparação e mitigação para com a administração estadual. O que novamente incorre em falhas políticas porque não se investiu em políticas públicas de inclusão dos migrantes e não se aproveitou a oportunidade de se reinventar o estado/território a partir do contexto migratório. As falhas continuam ocorrendo principalmente na área da educação. O estado continua acolhendo os migrantes pautados na atuação emergencial e não consegue dar um passo adiante no sentido de um amplo projeto de políticas públicas inclusivas e do reconhecimento do valor das interações interculturais.

A diversidade cultural não pode ser associada apenas às diferenças. Conforme Ortiz (1999), em um mundo globalizado a diversidade cultural deve ser pensada por uma visão cosmopolita, isto significa uma mente para o agora, para a realidade atual. Por outro lado, somente numa visão universal pode ser vista essa diversidade como “diferença” (ORTIZ, 1999).

Para Gadotti (1992), a educação intercultural, busca o equilíbrio entre a cultura local, regional, particular de um grupo social, ou de uma minoria de um grupo étnico, assim como uma cultura universal. O autor mostra que o ambiente escolar busca abrir a visão de seus estudantes na compreensão de outras culturas, de outros modos de pensar, em outras línguas, que conseqüentemente gerará uma sociedade interdependente.

Das concepções de Gadotti (1992, p. 21), a educação intercultural compreende “[...] uma educação internacionalista, que procura promover a paz entre os povos e nações, e uma educação comunitária, valorizando raízes locais da cultura, o cotidiano mais próximo em que a vida de cada uma passa”. As diversidades, o encontro de culturas distintas, linguagens e costumes entre países, não são barreiras, pelo contrário. Para Gadotti (1992) a educação intercultural envolve uma pedagogia de direitos humanos e com respeito ao ambiente social. É isto que a educação intercultural defende. A busca pela solução dos problemas gerados pelas diversidades culturais, a fim de promover uma educação inclusiva para todos.

Num país com tantos migrantes e seus descendentes, valoriza-se muito pouco o estudo de línguas estrangeiras ou das línguas nativas, que nos permitem o acesso às diferentes culturas. As escolas bilíngues são reservadas a uns poucos privilegiados. Mesmo nos estados do sul, em que é grande a presença de migrantes, as línguas estrangeiras só recentemente começaram a fazer parte dos currículos escolares como disciplinas optativas de umas poucas escolas. Muitos descendentes de estrangeiros que não falavam bem o português ao entrar nas escolas foram reprimidos, numa tentativa de se fazer que “esquecessem” ou “sentissem vergonha” de suas línguas maternas (GADOTTI, 1992, p. 23).

Isto significa que a escola deve mostrar aos estudantes que existem outras culturas no mundo, como uma forma de preparação quando ocorrer o recebimento de migrantes para que não ocorra impactos como o isolamento e exclusão destes novos estudantes.

Essa perspectiva reconhece a escola com sua autonomia, capaz de ser curiosa, buscar o diferente, o pluralismo, dialogar com outras culturas, que possibilite o ambiente escolar, em específico os estudantes, o contato com outras culturas, que podem ser realizadas por meio de visitas técnicas, viagens e eventos que atraíam outros públicos oriundos de outras instituições, que permitam esses encontros “interculturais”, “interações sociais”, em que há “diversidades culturais” (GADOTTI, 1992, p. 24).

As primeiras discussões científicas que tratam sobre a educação intercultural surgiram na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), na 20ª reunião, realizada em 1978, em Paris.

Para explicar a interculturalidade, Landa e Herbetta (2017, p. 76) afirmam que se trata de “uma mistura de conhecimento diversa, mas é apenas uma palavra justificando certas situações ou comparando a concepção de outra população (sociedade civil) para dizer que é dessa maneira e pronto”. Dessa forma, a interculturalidade preza valores como o respeito, cidadania, igualdade, tolerância, democracia na educação, e direitos humanos. Mas é na educação e nas instituições que a interculturalidade encontra os meios para se desenvolver.

Para Candau (2009), a interculturalidade apresenta-se com objetivos importantes quando é utilizada para orientar processos com base no reconhecimento do direito à diferença e na luta contra formas de discriminação e desigualdade social; quando pode promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando os conflitos inerentes a esta realidade; quando não ignora as relações que podem estar presentes nas relações sociais e interpessoais; quando procura estratégia e reconhece os conflitos e condições adequadas para enfrentá-los.

Educação para todos, no sentido intercultural, é falar sobre uma educação democrática, cujo sentido está em valorizar as outras culturas, indivíduos oriundos de outros países e nacionalidade, em que seus direitos possam ser respeitados, permeados na valorização e desenvolvimento da compreensão do outro e, ao mesmo tempo, em sua cultura.

A interculturalidade na educação, enquanto categoria de análise é uma proposta pedagógica, no qual se busca desenvolver atividades relacionadas às diferentes culturas, propondo o respeito mútuo e trocas de experiências em espaços de novas sociabilidades. Nesse sentido, a educação intercultural se materializa num enfoque global que afeta diferentes âmbitos a partir da observação de um grupo específico (CANDAU, 2009).

A educação intercultural tem como objetivo possibilitar a compreensão do conhecimento das atitudes no confronto, interação e negociação com outras culturas. (BOUFLEUR, 2014). As lutas sociais contra os processos de exclusão social inerentes à globalização econômica propõem o desenvolvimento de estratégias que promovam a construção de identidades particulares e o reconhecimento das diferenças, ao mesmo tempo em que sustentem a inter-relação crítica e solidária entre diferentes grupos (FLEURI, 2003).

Nos últimos anos, esse contexto de interculturalidade foi uma alternativa para garantir respeito às diversidades culturais. Para Landa e Herbetta (2017), é responsabilidade nossa buscar a preservação das identidades culturais pensando em todos, que podem ocorrer pela troca de experiências, que implicará em um enriquecimento entre ambas as culturas (GADOTTI, 1992). O contato simples entre dois grupos de culturas distintas “não propiciará” a interculturalidade (LANDA; HERBETTA, 2017, p. 16).

Silva (2017) sugere a discussão sobre práticas pedagógicas interculturais com espaço para debates de temas que envolvam a preocupações, as tensões, os conflitos entre outros para promover a conquista dos diferentes grupos sociais que fazem parte do espaço escolar, potencializando-se o processo de ensino-aprendizagem mais significativo e produtivo. Reconhecer a diferença cultural como expressão positiva é também função da escola.

Promover ações que dialoguem com diversos conhecimentos, diferentes saberes e linguagens, distintas estratégias e recursos pedagógicos, evitando preconceitos para que possa coexistir de forma democrática.

[...] a educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade (CANDAUI, 2009, p.170).

A educação desempenha um papel importante no acolhimento aos migrantes e tem a função imprescindível na sociedade de socializar e democratizar o acesso ao conhecimento e promover a construção moral e ética nos estudantes oferecendo uma formação de pessoas conscientes, críticas, engajadas e com potencial de transformação de si mesmas e da sociedade.

A educação intercultural representa importantes conquistas para a afirmação das identidades, ainda que distante de seu território tradicional, como é o caso de migrantes e deslocados. Com o objetivo de contribuir para o processo de construção da proposta de educação intercultural para promover o direito à educação com igualdade e equidade, a música e a arte são elementos constitutivos dos processos pedagógicos e das práticas educativas.

A abordagem intercultural apresenta-se como uma ferramenta que permite resgatar e reavaliar as práticas e saberes diversos. Contribui para fortalecer a identidade de um país e deve ser levada em conta como o respeito mútuo que deve existir entre duas ou mais culturas que cooperam, contribuem e se fornecem para construir sociedades saudáveis e inclusivas.

Parte-se do pressuposto de que a educação intercultural é uma condição da educação em regiões transfronteiriças. Logo, a educação intercultural aponta horizontes para uma sociedade baseada nas trocas culturais e na valorização das diferenças como valores e oportunidades de novos conhecimentos, línguas, costumes, tecnologias e, de modo especial para fazer circular saberes e ciências.

Para Cortesão e Pacheco (1991), a educação intercultural parte da criação e elaboração de uma igualdade nas oportunidades da educação, em que será proposto o conhecimento de cada cultura, na garantia de um crescimento mútuo entre os determinados países de forma democrática para que ocorra um processo de reprodução social.

Na perspectiva da educação intercultural não existem culturas superiores e inferiores. Todas têm seu valor nos processos de trocas e interações sociais. Na comunicação prática, no contato direto, na troca de experiências, conversação. É aí a importância do papel pedagógico da escola, que se dá por meio da resolução de conflitos e na aplicação de métodos que facilitará para os estudantes migrantes a facilitação da aprendizagem. O estudante migrante, não sofrerá com tensões por falta de acessibilidade e igualdade na aprendizagem (CANTONI, 2015).

Candau (2011) enfatiza que a escola que fica localizada em regiões transfronteiriças possui uma função importante para que sejam efetivas as relações interculturais entre os países. A escola é uma das possibilidades de romper com a homogeneidade e orientar-se pela lógica da diversidade, provocar e facilitar a reconstrução dos conhecimentos, das atitudes e formas de conduta, em uma reelaboração crítica e reflexiva da cultura dominante, por meio de vivências de novas relações sociais dentro da escola que conduzam novos modos de pensar e fazer numa permanente troca de conhecimentos que promovem novas interações interculturais (CANDAU, 2011).

É a escola que na sociedade moderna, constitui a instituição educativa, de socialização e de integração, por excelência. A escola, enquanto espaço de encontro das diferenças, de convivência de diferentes culturas e de aprendizagem, constitui um desafio à educação e ao desenvolvimento integral de todas as crianças e jovens, migrantes ou autóctones, constituindo igualmente um factor de integração, de coesão e de enriquecimento pessoal e social (RAMOS, 2007, p. 233).

A escola atual, inserida em uma sociedade que se transforma rapidamente e que está marcada fortemente por movimentos que combatem as desigualdades em todos os sentidos, se vê frente a grandes desafios para que possa realizar, de fato, uma educação intercultural e cumprir seu papel social na construção de uma sociedade mais justa, igual e solidária (SILVA; REBOLO, 2017).

De acordo com Ramos (2009, p. 10) “na sociedade moderna a escola se constitui como a instituição educativa, de socialização e de integração, por excelência”, especialmente em contextos migratórios. A referida autora acena para a importância de se atentar para escola como espaço de convivência e de encontros culturais profundos entre crianças, adolescentes e jovens. Nesse contexto, o ambiente escolar está relacionado aos principais desafios enfrentados pelos migrantes. Balestro (2018) assegura que o domínio da língua portuguesa é determinante para o processo de ensino e aprendizagem.

Os migrantes estão diante de uma nova realidade linguístico-cultural à qual devem rapidamente se adaptar. O Brasil passa a ser chamado país de acolhimento e os “acolhidos” precisam desenvolver competências para atenderem às expectativas sociais próprias e da sociedade que os acolheu. Nesse sentido, o processo de ensino-aprendizagem da língua deve ser pautado por conteúdos que possibilitem o desenvolvimento de competências de modo a fomentar a integração desses recém-chegados, nutrindo o objetivo de torná-los cidadãos desse novo país (PEREIRA, 2017, p. 52).

Diante da complexidade das relações sociais e interculturais em nossa fronteira (Brasil/Venezuela), requer novas formas para elaboração do conhecimento na educação de jovens oriundo da migração que se estabelecerão nas escolas públicas ou particulares em nosso país, pois a partir de chegada desses novos povos, os grupos passam a compartilhar em condições equivalentes da miscigenação de cultura.

É preciso lembrar que a escola é um espaço que agrega várias raças e culturas e precisam ter uma atenção diferenciada para tamanha diversidade. Ela tem um papel importante na inclusão destes estudantes a fim de que todos possam gozar dos direitos a educação com igualdade e serem respeitados e reconhecidos quanto as suas diferenças (ARAÚJO *et al.*, 2020).

Entre obstáculos que os migrantes estudantes enfrentam estão no acolhimento, questões de aprendizado do idioma, situação de preconceito e xenofobia, não só no ambiente escolar, porém, de uma forma em geral, e na maioria dos casos, os migrantes se encontram em situação de vulnerabilidade, o que torna mais difícil a sua adaptação. O Brasil é um país monolíngue, ou seja, a maioria da população domina apenas um idioma, o que dificulta mais ainda na socialização e nas trocas interpessoais com os migrantes.

O contexto migratório nos desafia a rever o modelo de escola endógeno e nos propõe repensar a escola para além das fronteiras e muros, uma escola que consiga dialogar com o diferente e suas diferenças e aproveitar a oportunidade de se propor uma escola verdadeiramente intercultural desde sua estrutura curricular até seus impactos na sociedade (CANDAU, 2011).

O desafio enfrentado pelas crianças, e mesmo pelos jovens e adultos, é a sua inclusão por meio da imersão na cultura brasileira em detrimento da sua, posto que não existem espaços na sociedade reservados para a preservação da cultura/identidade venezuelana. Tampouco as escolas reservam espaços para valorizar o encontro intercultural. Há um discurso recorrente nas escolas em que docentes afirmam que “já não são mais venezuelanos, de tão integrados que estão, já viraram brasileiros” numa estratégia rasa de nivelamento cultural, o que tem gerado muitas tensões nas relações sociais. O que tem causado essa

situação possivelmente pode ser a falta de políticas de inclusão que entendam o estudante migrante na sala de aula e na comunidade como alguém diferente que veio para somar e ampliar os horizontes (CUNHA, 2015).

O ato de escolarizar no processo ensino-aprendizagem engloba diversos mecanismos do sistema educacional, mas, o domínio da língua portuguesa é essencial para se promover a interação e o desenvolvimento dos migrantes e a interrelação com os estudantes brasileiros. Logo, as experiências de interações entre brasileiros e migrantes venezuelanos no ambiente educacional, pressupõem o aprendizado da língua e a disposição para um ensino bilíngue que favoreça a troca de saberes e conhecimentos entre os estudantes e entre professores e estudantes.

Para Chintoan-Uta (2014), a escola é a comunidade de apoio nas quais todos deverão ter atenção à diversidade e adquirir sensibilidade face ao outro e a participação dos estudantes locais tem um papel muito importante para uma melhor adaptação dos estudantes estrangeiros.

CAPÍTULO 3 – DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA INTERCULTURALIDADE EM CONTEXTO TRANSFRONTEIRIÇO

Este capítulo analisa os resultados da pesquisa de campo e apresenta alguns temas para o aprofundamento do tema das interações interculturais. Parte do princípio de que a educação intercultural é o encontro direto entre pessoas com duas culturas diferentes (CANTONI, 2015). Para isso, se traça um paralelo entre a Venezuela e o Brasil com relação à migração nos encontros que ocorrem em sala de aula a partir de percepções pela qual os estudantes brasileiros do ensino médio possuem sobre os venezuelanos e vice e versa.

3.1 Informações básicas sobre as escolas e o contexto pesquisado

Na pesquisa de campo, além das entrevistas, foram observadas algumas experiências de interação intercultural que confirmam os desafios apresentados no segundo capítulo. Ao transcrever as entrevistas, foram sistematizadas as narrativas de 05 (cinco) estudantes da Escola Estadual Prof.^a Maria das Neves Rezende e 05 (cinco) estudantes da Escola Estadual Militarizada Irmã Maria Teresa Parodi, ambas localizadas no município de Boa Vista-RR.

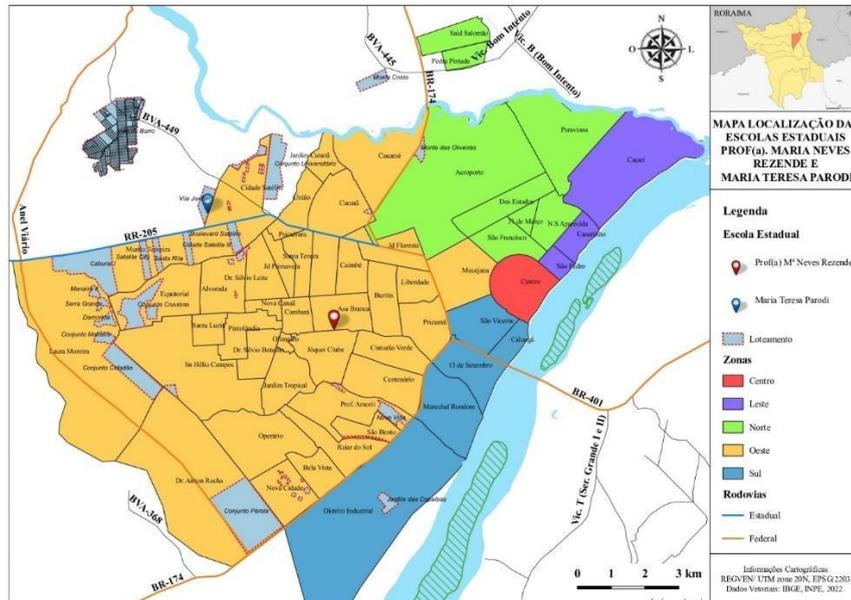
A Escola Estadual Prof.^a Maria das Neves Rezende, é uma escola popular, localizada no bairro Asa Branca, na rua Lindolfo Bernardo Coutinho, nº 464, em que a turma utilizada na pesquisa foi a do 2º ano/A. A escola oferece as etapas para o Ensino Fundamental, Ensino Médio e Anos Finais; apresenta modalidades no Ensino Regular e EJA (Educação de Jovens e Adultos). A Escola entrou em reforma em janeiro de 2022.

A Escola Estadual Militarizada Irmã Maria Teresa Parodi é um colégio militarizado localizado na zona oeste da capital Boa Vista, avenida Jardim, nº 802, Cidade Satélite. Conforme dados escolares, sua eficácia está sujeita a concretização da prática de um processo permanente da mobilização de emoção e razão para alcançar objetivos compartilhados durante o período de sua vigência e avaliação, desenvolvendo ações que elevam o nível de desempenho educacional de seus estudantes e a credibilidade da comunidade.

A escola militarizada tem como Proposta Pedagógica um importante mecanismo de remoção que norteia todas as ações desenvolvidas em uma escola. A história da comunidade local se divide em duas partes: até meados de 2018 sua população era basicamente formada por brasileiros contemplados com casas populares (Cidade Satélite) e outros contemplados com apartamentos no complexo residencial Vila Jardim, pelo programa minha casa minha

vida; depois de 2018, com a chegada de migrantes venezuelanos, houve uma mudança na cultura local, agora também em contraste com a cultura venezuelana.

Figura 05 - Mapa de localização das escolas.



Fonte: Elaboração própria (2022).

As comunidades ou bairros do entorno da escola Parodi apresenta uma mescla de culturas e costumes formada por pessoas com baixa condição econômica e que depende de programas do Governo Federal para complementação da renda. Em alguns casos, as famílias dependem exclusivamente desses benefícios sociais e há estudantes que tem a merenda escolar como principal refeição do dia. Há muitos pais e mães venezuelanos desempregados devido à crise financeira que o país enfrenta desde meados de 2016. São bairros que enfrentam problemas com a violência e a ausência de políticas públicas. Para boa parte dos jovens a educação é o único meio de superação da pobreza.

De acordo com os arquivos da secretaria da escola, as informações dão conta de que a escola atualmente conta com 1.240 estudantes, oferece as etapas de Ensino da Educação Básica nos níveis: Fundamental do 6º e 7º ano no período matutino, 8º e 9º ano no vespertino e o Ensino Médio Regular noturno. Se orienta pela Proposta Pedagógica 2021/2023 e apresenta um ambiente acolhedor e o mais adequado possível, para que todo o membro da comunidade escolar local desenvolva o seu melhor.

De acordo com a Proposta Pedagógica 2021/2023, para formar cidadãos críticos, participativos, com princípios éticos, sociais e culturais; uma escola precisa desenvolver no

estudante algumas capacidades importantes como a de se conhecer, a de se perceber, a de ter adequado comportamento social também na família e na sociedade. Ser coerente com seus valores. Portanto, cabe à escola desenvolver no estudante habilidades e competências como: ter boa comunicação oral e escrita e o desenvolvimento do raciocínio lógico matemático e das mídias; ser capaz de debater, argumentar, sugerir, interpretar, criticar e relacionar; ser sociável na escola e na comunidade; ser capaz de inserir-se no mundo do trabalho e tornar-se um leitor do mundo.

3.2 Interações interculturais e dificuldades de convivência observadas na experiência escolar na perspectiva dos estudantes brasileiros

Na primeira parte da pesquisa os estudantes brasileiros foram perguntados sobre sua percepção a respeito da presença dos colegas venezuelanos em sala de aula. As respostas informam que a chegada dos novos colegas tornou a sala mais “diversificada”, com características como padrões, personalidades, gêneros e raças distintas.

A visão dos estudantes brasileiros é que existe a presença de estudantes venezuelanos, mas que isto não causa impacto negativo no ambiente escolar, e isto é comprovado na narrativa da participante Aline¹⁸ “Minha sala tem diferentes pessoas cada uma com o seu próprio estilo e têm brasileiros e venezuelanos”, concluiu a aluna.

Silva Neto (2020) descreve que o estado de Roraima possui uma enorme diversidade cultural e que a escola é um campo de relacionamento intercultural, em que os conflitos culturais e identitários são colocados em pauta. Assim, o exercício de alteridade deve ser constante e o reconhecimento das diferenças étnicas e/ou culturais permite que o sujeito se construa e possua voz (SILVA NETO, 2020).

Assim evidenciados, a educação liberta qualquer ser individual, seja ele de qualquer gênero, etnia ou raça. Quando o estudante se sente bem acolhido no ambiente escolar ele amplia sua participação ativa na sociedade, desenvolve o senso crítico em um contexto de efetivação da democracia (FREIRE, 1986).

Os estudantes brasileiros apresentaram de forma clara e direta, sua percepção sobre os colegas migrantes venezuelanos: “É uma sala/turma ótima. Gosto bastante de estudar aqui” descreveu o participante Lucas; “Temos uma sala de aula bem diversificada, com pessoas de

¹⁸ A estratégia para se manter em sigilo a identidade dos participantes da pesquisa foi nomeá-los com nomes fictícios. As respostas foram transcritas observando-se o período geral da realização da pesquisa e a identificação aleatória dos participantes.

diversos sexos, orientações sexuais, raça e gênero” citou o participante João; “Minha sala tem diferentes pessoas, cada um com o seu próprio estilo e têm brasileiros e venezuelanos” afirmou a participante Aline; “Minha sala é miscigenada com pessoas com diferentes padrões de personalidade” apontou à participante Renata; “Minha sala é normal” descreveu a participante Andressa.

Observa-se que a questão migratória não é apresentada como um problema ou como um impedimento na convivência dos estudantes. As descrições realizadas pelos estudantes brasileiros são sobre as narrativas de acontecimentos em sala de aula com a presença dos estudantes venezuelanos, em que as respostas foram imparciais. Conforme Lucas e Andressa, o que ocorre em sala de aula com a vivência junto aos migrantes venezuelanos não é “nada demais”, isso mostra que não há relações interpessoais com os outros colegas, em que na sala de aula eles fazem o papel de estudante, e as relações não são importantes para a contribuição do aprendizado. Os estudantes João e Renata defendem as boas relações e interações sociais entre eles, com trocas de experiências, conversações e trabalhos em equipe na discussão das atividades.

Para Candau (2011), a educação intercultural aparece como uma alternativa contra-hegemônica de construção social, política e educacional, tornando-se necessária a problematização das diferentes práticas sociais educativas e havendo a necessidade do diálogo sobre a integração dos diferentes sujeitos sociocultural na sociedade em que vivemos.

Na descrição das coisas boas que acontecem em sala no convívio com os migrantes, as respostas foram às seguintes: “aprendemos a prestar mais atenção aos professores para ajudar os colegas venezuelanos” frisou Lucas; “conversamos sobre a vida, trocamos experiências e debatemos qualquer assunto” mencionou João; “a gente conversa muito e nos ajudamos nas atividades” afirmou Aline; “a gente conversa sobre tudo e nem lembramos que somos brasileiros e venezuelanos” destacou Andressa.

A variável de dificuldades de convivência em sala de aula, segundo conclusões dos entrevistados, eles acreditam que não existem dificuldades, porém, o estudante Lucas comentou que o material didático é um entrave que gera dificuldade no convívio entre os colegas. Conforme João, as conversações existem, e compreendem uns aos outros quando há opiniões distintas. Isto significa que os estudantes entrevistados individualmente buscam boas relações e os migrantes venezuelanos buscam não discutir quando há opiniões distintas.

Para Ramos (2007), o aumento da migração venezuelana e o reagrupamento familiar fizeram aumentar o número de crianças e jovens nos estabelecimentos escolares, sendo

necessária “adequação” na instituição escolar para atender a essa nova “realidade social e multicultural e a sua articulação com as famílias e a comunidade em que está inserida”. Esse novo montante de estudantes tornou-se um importante efetivo escolar e a escola, um importante elo à sociedade de acolhimento. Cabe a ela, “promover os meios que possibilitem a adequação à realidade social e multicultural e a sua articulação com as famílias e a comunidade em que está inserida”. E para esse novo cenário educacional, faz-se necessário também pensar na formação dos professores e os outros agentes educativos, mediante a “complexidade e a interculturalidade no ensino para a aprendizagem da pedagogia intercultural”. Isto implica no material didático, em que um estudante venezuelano informou a falta de material didático como dificuldade de convivência.

Perguntados sobre as dificuldades de convivência em sala de aula, as respostas apontaram que “o material didático não contribui para uma boa convivência porque tudo está escrito em português” frisou Lucas; “nem todos gostam de conversar ou respeitam opiniões diferentes” mencionou João; “não há dificuldade de convivência em sala de aula” descreveu Aline; “acredito que hoje, não exista” relatou Renata; “nenhuma” expôs Andressa.

Ao serem perguntados sobre o que poderia ser melhor na sala de aula no convívio com os colegas venezuelanos, os estudantes reconheceram que têm dificuldade para entender o idioma espanhol. Por parte dos venezuelanos, há um esforço para falar e escrever português e também reconhecem que é difícil. O termo “linguagem” foi citado por Lucas, João e Renata, em que o estudante Lucas citou “A linguagem verbal que é o problema”; o estudante João “as conversas”, porém, a estudante Renata citou conversas como algo paralelo, e não à linguagem. A estudante Aline frisou a necessidade de “ter mais diálogo entre os alunos” enquanto Andressa, não cita nenhum tipo de dificuldade, concluindo que não necessita de melhorias.

Para Ramos (2007), a globalização trouxe um contexto sobre as questões da diversidade cultural, da mobilidade das populações e das relações interculturais como desafios da sociedade em busca de estratégias e políticas resolutórias, pois a diversidade cultural e as relações interculturais fazem parte e integrarão cada vez mais dos contextos sociais, econômicos, políticos, religiosos, educacionais, sanitários e midiáticos. A dificuldade verbal é um dos problemas da globalização.

Com relação às dificuldades na convivência em sala de aula, pautadas pelos estudantes brasileiros, observa-se que as respostas estavam focadas apenas na importância de aula presencial, no que tange um pós-pandemia, e não pelas interações entre os estudantes de

distintas culturas. Tanto os estudantes Lucas e Aline enfatizaram que em sala de aula se aprende mais, e que “[...] é muito melhor do que estudar em casa”, destaca o estudante Lucas. Contudo, foi obtida uma resposta de Renata, pela qual teve um enfoque nas relações de convivência, diz “Talvez, em questão de respeito, aprendi muito”.

Quando perguntados sobre o que poderia melhorar em sala de aula no convívio entre colegas, segundo os próprios estudantes, dois deles ficaram sem resposta, sendo Lucas, em que não sabia o que responder. Os estudantes João e Aline mostraram preocupações com os estudantes venezuelanos. Segundo João, “brasileiros entrosados e conversando e os venezuelanos não muito confortáveis, sem conseguir se entrosar”. Nota-se que nesse momento os próprios estudantes percebem que os venezuelanos ficam oprimidos, afastados, mas, não identificam o motivo. Pode ser que seja em relação à falta de entendimento da língua, a dificuldade de interações. Já a estudante Aline, destaca a mistura de culturas em sala de aula como um atributo para o melhoramento entre os convívios como aspecto positivo para boas relações.

Neste sentido, o processo de ensino-aprendizagem vincula um conjunto de ações pedagógicas que muito influenciam no desenvolvimento do estudante, pois podem ou não delimitar o rendimento escolar. Portanto, a interação entre estudantes brasileiros com estudantes migrantes venezuelanos pressupõe inúmeros fatores que influenciam a aprendizagem e o desenvolvimento individual no âmbito escolar caracterizado pela diversidade cultural (BOUFLEUR, 2014).

3.2.1 Interações interculturais e dificuldades de convivência observadas na experiência escolar na perspectiva dos estudantes venezuelanos

A primeira categoria de análise dos desafios escolares na perspectiva dos estudantes venezuelanos se deu de forma aberta, cujas perguntas permitiram que as respostas fossem dadas de acordo com o ponto de vista individual. A primeira pergunta foi elaborada para os estudantes venezuelanos descreverem a sua turma com olhares para os outros colegas. A primeira estudante Abella já gera um impacto quando diz “*Es um poço extraño, porque no entiendo nada*”, aqui é notório que não está ocorrendo boas relações, a metodologia não está alcançando a todos os estudantes de forma igualitária, enfatizando a desigualdade escolar.

Já os estudantes Nercy, Enmanuel, Darnielis e Ana, contextualizam de forma legal, não encontram dificuldades e descrevem ter boas relações com os demais. Afirmativas como

“[...] me dou bem com todos meus colegas”, “[...] os meus colegas são todos bem comportados”, que a turma é “acosejante e tranquila [...]” e que “[...] eles são muito legais e me ajudam muito”, são características de uma sala de aula amigável.

As novas realidades interculturais contribuem para que as mulheres e os homens do século XXI mantenham múltiplas pertencas e redes transnacionais; desenvolvam novas formas de relações sociais e interculturais e novas práticas de cidadania; tenham conquistado novos direitos, mas conhecem, igualmente, novos conflitos e problemas comunicacionais e novas formas de discriminação e de exclusão (RAMOS, 2007). Para Ramos,

Se faz necessário um novo reposicionamento metodológico e epistemológico ao nível da investigação e da intervenção diante das problemáticas da diversidade cultural e da interculturalidade, devido aos novos desafios tanto para as sociedades como nas políticas do século XXI, referente a gestão da diversidade cultural, das identidades, dos conflitos, da educação e da comunicação intercultural, às interações entre o eu e o outro, entre o universal e o singular (RAMOS, 2007, p. 225).

A diversidade estaria, pois, inserida, de forma pessoal e social, especificamente na fronteira e, porque não afirmar, na sociedade como um todo, graças à globalização, às teias de comunicação sociais digitais, às identidades múltiplas de cada ser que se propõe ao diálogo, às inter-relações na fronteira.

As coisas boas que acontecem em sala de aula no convívio entre colegas, descritos pelos migrantes venezuelanos, tiveram respostas que caracterizaram os momentos e os lugares nos quais isso acontece. A estudante Abella informa que quando não compreende alguma atividade, sempre a orientam como ela deve proceder. Percebe-se que há acolhimento dentro de sala de aula. A estudante Nercy informa atividades de lazer como aspectos positivos que estabelecem momentos bons no ambiente escolar. O termo respeito foi enfatizado pelo estudante Enmanuel. Para Darnielis, “Não tem palavras é muito bom me sinto bem melhor quando estou perto deles e sabendo que eles podem me ajudar é muito melhor”. Conclui-se que há acolhimento e receptividade para estes estudantes, em que o sentimento gerado por eles é uma consequência de boas-vindas, e isto estimula na continuidade dos estudos.

O fortalecimento da identidade cultural constitui um elemento essencial para que se enfrentem os desafios atuais da globalização; a antiga visão de fronteira encarada como separação, precisa se transformar em uma moderna visão de fronteira, entendida como cooperação entre povos, como local de integração e não como espaço de disputas.

A diversidade se faz presente nas etnias, no contato de povos fronteiriços, nas línguas, costumes, hábitos, que cada estudante traz para os espaços escolares e sociais por em que

transita e age como sujeito histórico e social, portanto seu atendimento deve estar previsto no Projeto Político Pedagógico (PPP) (BOUFLEUR, 2014).

Com relação às dificuldades de convivência, observadas pelos estudantes venezuelanos em sala de aula, apenas uma estudante (Abella), informou que existe um problema, que seria “*El idioma*” (o idioma), o que realmente é difícil para quem não tem domínio de outra língua. Já para os demais estudantes, Nercy, Enmanuel, Darnielis e Ana, as narrativas se basearam em não haver nenhuma dificuldade de convivência com os outros. De acordo com Mascarenhas (2012, p. 242), “numa interação, um indivíduo influencia e é influenciado por outro, de modo que há uma relação de troca”. Nessa perspectiva os idiomas também deveriam constar na reciprocidade das trocas. Entretanto, apenas a língua portuguesa é falada e ensinada.

As sugestões de melhorias apresentadas pelos estudantes venezuelanos para um bom convívio em sala de aula com os diferentes colegas indicam aspectos de aproximação e entendimentos, no que tange a linguagem, de acordo com as estudantes Abella e Darnielis. Já para os estudantes Nercy, Enmanuel e Ana, até o momento não sugeriram nenhuma proposta que viesse melhorar o convívio das relações. Sendo assim, apenas o enfoque até o momento se dá nas compreensões da língua, da linguagem.

As dificuldades apresentadas pelos estudantes venezuelanos em sala de aula, geradas pelas convivências, foram apresentadas como momentos de influências da convivência para questões de melhorias e contribuições nas relações. Conforme a entrevistada Nercy, disse que houve melhoria. Já o Enmanuel, descreve que conheceu melhor as áreas de estudo. Quanto à estudante Darnielis, disse que a convivência resulta na facilidade da aprendizagem e na resolução das questões em vistas das discussões que ocorrem em sala de aula. Por fim, a estudante Ana, disse que há boas relações, pois os estudantes brasileiros a ajudam muito.

As sugestões de melhora em sala de aula para que haja um bom convívio com os diferentes colegas, foram distintas. Cada estudante em seu modo particular de entender o ambiente, conforme a realidade de convivência. Para a estudante Abella, necessita de mais compreensão, isto está relacionado à linguagem. Já para a estudante Nercy, “[...] tem muitos estudantes brasileiros que não se dão bem com seus colegas venezuelanos”. Para a estudante Darnielis, a convivência e o acolhimento dos estudantes brasileiros para com os venezuelanos não é o suficiente, pois os estudantes brasileiros não se dão bem para com os estudantes oriundos de outras culturas, porém, não foi informado o motivo que leva isto.

O tema da xenofobia foi apresentado de diversas formas quando perguntados sobre o que poderia melhorar em sala de aula no convívio com diferentes colegas. E surgiu também quando foram perguntados sobre como seria participar de uma festa com convidados brasileiros e venezuelanos. As respostas apontam o seguinte: "seria uma oportunidade para que nos entendam um pouco mais" (Abella); "no meu caso, ia ser legal, mas, normalmente tem muitos alunos brasileiros que não se dão bem com seus colegas venezuelanos (Darnielis); "dependendo do meu ponto de vista eu acho que seria muito boa porque a discriminação a estrangeiros quase não é praticada no meio da juventude" (Enmanuel); "seria muito legal porque a metade dos alunos são meus amigos e gosto muito deles" (Nercy); "bom, imagino como uma festa normal, todos amigáveis e interagindo entre si" (Ana).

As sutilezas das respostas indicam diversos entraves no convívio social percebido pelos estudantes venezuelanos. Primeiramente o fato de ser convidado para uma festa. Nenhuma resposta apresenta a festa como uma realidade presente. Todos os verbos aparecem no gerúndio. Revelam a distância entre a realidade vivenciada em sala de aula e a extensão deste convívio para outros espaços de convivência. A possibilidade de uma festa coletiva parece ser muito remota. E quando se sentem impedidos a imaginar a festa, recordam que "metade da turma" são amigos. E a outra metade?

Vários indícios das respostas apontam que se pratica xenofobia aos venezuelanos em atitudes ou palavras. A iniciativa do participante Enmanuel em defender a causa dos brasileiros negando a existência da xenofobia, é uma resposta fora do contexto. Da mesma forma que o grupo de brasileiros, também os venezuelanos não quiseram pensar as possíveis melhorias na sala de aula. A pergunta não teve nenhuma resposta.

Conforme os resultados da pesquisa, as interações interculturais são necessárias, e a falta dela, acarretará fatores que elevam a discriminação e as desigualdades sociais. Estes levantamentos foram pautados nas entrevistas realizadas com estudantes brasileiros e estudantes migrantes da Venezuela, ambos do ensino médio. Como indicador de interação social, de desenvolvimento e de coesão social, fizeram-se necessários a aplicação de um questionário com o objetivo de verificar a interação e o sucesso educativo dos estudantes em dois colégios estaduais do estado de Roraima.

Sobre a diversidade e a interculturalidade na educação, Ramos (2007, p. 226) assegura que,

As experiências da alteridade e da diversidade estão, de facto, no cerne da interculturalidade e da educação, implicando um novo paradigma e abordagem. O paradigma intercultural vem desafiar os paradigmas tradicionais em educação e

colocar novos desafios teóricos e metodológicos ao nível da pesquisa, da intervenção e da formação.

A legislação brasileira determina que os estrangeiros tenham acesso à educação igualitária, conforme a Constituição Federal, nos artigos 5º e 6º, pela Lei de Migração, nos artigos 3º e 4º, na Lei dos Refugiados, nos artigos 43º e 44º e por fim pelo Estatuto da Criança e do Adolescente pelos artigos 53º ao 55º, que garantem que a criança ou adolescente tenham acesso à sala de aula, ainda que falte algum tipo de documento (FACCIOLI, 2022).

Conforme dados da pesquisa, os estudantes venezuelanos possuem dificuldades nas interações, ou como por eles constatados que faltam relações e aproximações, e esta é uma realidade vivenciada nas escolas brasileiras. Como sugestão, é necessário um acolhimento por parte das escolas, na superação das diferenças culturais e da língua/idioma, que foram questões mais pautadas durante as entrevistas, como barreiras que impediam o desenvolvimento e relação entre eles (FACCIOLI, 2022).

Para os países que possuem fronteira com outros países, é uma realidade a ser enfrentada, e a escola precisa estar preparada para este acolhimento, em que deverá ter uma preparação para com os estudantes quando ocorrer esse encontro microssocial em sala de aula (GADOTTI, 1992). Os diálogos são essenciais, as relações influenciam nos resultados e no desenvolvimento das atividades. É preciso destacar que a sociedade na fronteira, lócus da pesquisa, impõe que se estabeleçam papéis diferentes em diferentes situações, principalmente no âmbito escolar, em que se constituem diferentes relações, as quais contribuem para a formação da identidade do povo fronteiriço, que convive numa perspectiva intercultural (BOUFLEUR, 2014).

Os resultados das entrevistas apontam que existem interações interculturais que podem ocorrer de forma simultânea entre brasileiros e venezuelanos. Entretanto, este último grupo parece estar mais acanhado e intimidado pelos colegas. A reciprocidade das trocas de ideias, de experiências, de informações, de conhecimento e a resolução de dificuldades ainda parecem muito tímidas ou não são suficientemente percebidas pelos venezuelanos.

De forma geral, as turmas reconhecem a dificuldade de convivência e um dos maiores impedimentos é a língua.

Percebemos que eles (as) descrevem a sua sala de aula com entusiasmo quando expõem suas opiniões através de palavras como “ótima, diversificada, estilo, miscigenada, muito bom, tranquila, calma, legal”. Desta forma, já é possível, afirmar que as interações culturais ocorrem de forma espontânea entre os estudantes e poderia ser muito mais

intensificada “se existisse um empenho maior por parte da escola no sentido de promover maior integração entre os estudantes”.

Em um diálogo interdisciplinar, ocorre na vivência, em sala de aula, e a forma de como é lido, é o que deve ser discutido. A questão migratória e as estratégias de convivência entre diferentes culturas devem ser impostas políticas públicas de integração aos migrantes na sociedade. Pois não adianta solicitar do alunado o acolhimento, quando não se há uma educação necessária que os prepare para este recebimento (BACKSTROM; PEREIRA, 2012).

Das dificuldades encontradas, em que há maiores barreiras nas interações interculturais, são: a dificuldade na linguagem verbal (fala, língua), assim evidenciado pelo estudante brasileiro.

As dificuldades encontradas pelos estudantes venezuelanos foram à necessidade de serem compreendidos (entendidos), no que significa a linguagem. Portanto, o problema é algo existente em sala de aula, entre as partes, e que ainda não foi resolvido por parte da escola.

O verdadeiro desafio da interculturalidade está em passar do multicultural para o intercultural, isto significa que o indivíduo deve reconhecer e valorizar a diferença que há entre eles (BACKSTROM; PEREIRA, 2012). Vale ressaltar, que para que ocorram momentos bons em sala de aula, deve haver a interação intercultural entre os colegas, que se dá por meio de conversas, as trocas de experiências, o auxílio/orientação aos colegas migrantes venezuelanos nas dificuldades em sala de aula. Tanto os estudantes brasileiros como os migrantes venezuelanos não colocam as nacionalidades como um referencial na convivência.

A insistência por um projeto de promoção das interações culturais, como parte de uma política pública efetiva é fundamental. Muitos estudantes fizeram referência às interações linguísticas e enfatizaram as dificuldades de convivência justamente pela falta de compreensão dos idiomas português/espanhol.

Conforme Backstrom e Pereira (2012, p. 87) “não basta somente que as diferentes culturas consigam uma convivência no respeito mútuo e na solidariedade, apesar de isso por si só ser positivo, mas devem conseguir uma interação significativa das culturas em presença”. Desta forma, o conhecimento das civilizações, das importâncias, do reconhecimento delas, é um ponto intercultural. E as unidades educacionais juntamente com a gestão de um país devem considerar isto como estratégia para elaboração de métodos para o acolhimento dos estudantes para os migrantes, estes que terão contato direto com eles.

A participação dos estudantes ocorre no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula, as interações sociais contribuíram significativamente, com a interação entre os colegas no auxílio das atividades entre si, segundo eles, aprendem mais, as diferentes opiniões melhoram o aprendizado. Uma pessoa respondeu que não, que não viu melhoria no seu aprendizado.

Observamos que apesar de um pesquisado dizer que nunca foi a esse tipo de encontro, mesmo assim, criou uma perspectiva de que seria “legal” pela mistura de culturas, outro demonstrou alegria para brasileiros e desconforto para venezuelanos, “estranho pela diferença de idioma e cultura”.

3.3 Interações interculturais na perspectiva das relações microsociais em diálogo interdisciplinar

Os resultados das entrevistas indicam que as interações interculturais ocorrem de forma espontânea entre os estudantes. Os participantes da pesquisa enfatizam a importância das trocas de saberes, conhecimentos, arte, comportamento, e até valores são citados pelos jovens estudantes. Outros enfatizam a importância da convivência com as diferenças como forma de interação de experiências e trocas culturais.

A partir do contexto apresentado, se entende que a sociedade moderna, na qual estamos inseridos, tem passado por momentos de grandes mudanças, seja no campo econômico, social, cultural, tecnológico e político, criando um cenário que Bauman (2001) chama de “modernidade líquida”, muito maleável, pautada nas inconstâncias.

Uma das características muito presente nesse modelo de sociedade é o consumo, produtividade elevada e distribuição de renda desequilibrada, acesso à tecnologia limitada, contestações a feitos científicos, culturas deturpadas, aumento da violência e insegurança na convivência social, pautada numa cobrança moralista que foge à regra da ética.

A discussão a respeito da migração de pessoas venezuelanas para a cidade de Boa Vista remonta a essa questão, de se perguntar quem é o outro a nossa face. Pensando nisso que foi formulado a questão que buscava entender como os estudantes se enxergavam em sala de aula, uma vez que venezuelanos e brasileiros passaram a dividir o mesmo espaço.

As respostas presentes na pesquisa de campo são de dez estudantes, cinco deles venezuelanos e os outros cinco brasileiros. Como se pode observar, a manifestação dos estudantes trouxe olhares diferentes sobre os demais que ocupam a sala de aula. O primeiro a responder trouxe a ideia de miscigenação para caracterizar as diferentes pessoas que divide o

mesmo espaço com ele. O segundo, sendo ele venezuelano, demonstra estranheza por não conseguir compreender, ainda, a dinâmica de funcionamento da sala de aula. Enquanto que o terceiro chama atenção para as diferenças presente entre os demais estudantes; o quarto acha muito legal a convivência, porque mantém uma relação amigável com todos; o quinto estudante trouxe em suas observações o fato da sala conter uma diversidade de raça, sexo e gênero; o sexto considera seus colegas tranquilos, e o sétimo considera a normalidade da sala de aula. Tanto os estudantes oitavo, nono e décimo apresentam uma sala aconchegante, com pessoas que os fazem se sentirem bem acolhidos.

Quando se pensa o cenário da escola pesquisada a partir da discussão feita por Candau (2011) sobre a educação intercultural, se torna possível entender a dinâmica presente na relação multicultural entre os mais diferentes grupos sociais ocupando o mesmo espaço, que nesse caso, é a sala de aula. Embora a autora leve em consideração o fato de a escola procurar pautar alguns temas tabus, como questões raciais, de gênero, entre outros, isso ainda acontece de maneira muito tímida, de maneira que não contribui para que violências aconteçam em seu ambiente por conta disso.

Candau (2011) entende que no cenário da multiculturalidade, o fomento de educação intercultural se faz pertinente, uma vez que tem a contribuir com a superação dos desafios colocados pela escola a quem é visto como diferente, pautando, na contramão, princípios ligados à igualdade e ao respeito pelas diferenças. Os educadores têm seu papel de destaque nesse processo, uma vez que são intermediadores do processo de aprendizagem, ajudando a construir uma visão de mundo.

Nessa linha de pensamento é importante frisar o pensamento de Perucci (1999), cujo raciocínio é o de que:

Somos todos iguais ou somos todos diferentes? Queremos ser iguais ou queremos ser diferentes? Houve um tempo que a resposta se abrigava segura de si no primeiro termo da disjuntiva. Já faz um quarto de século, porém, que a resposta se deslocou. A começar da segunda metade dos anos 70, passamos a nos ver envoltos numa atmosfera cultural e ideológica inteiramente nova, na qual parece generalizar-se, em ritmo acelerado e perturbador, a consciência de que nós, os humanos, somos diferentes de fato [...], mas somos também diferentes de direito. É o chamado 'direito da diferença', o direito à diferença cultural, o direito de ser, sendo diferente. *The right to be different!!!*, como se diz em inglês, o direito à diferença. Não queremos mais a igualdade, parece. Ou a queremos menos, motiva-nos muito mais, em nossa conduta, em nossas expectativas de futuro e projetos de vida compartilhada, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros (PERUCCI, 1999, p. 7).

À luz das respostas dadas pelos estudantes à pesquisa de campo, e da citação acima, se entende que a escola, da forma como se encontra na atualidade, precisa, cada vez mais, se

dar conta do dinamismo de mudanças rápidas, influenciada por movimentos focados na promoção da igualdade. Dada a presença cada vez maior de estudantes migrantes, de origem venezuelana, em sala de aula, pensar a educação do ponto de vista intercultural, surge como uma alternativa de luta contra a hegemonia da segregação, promovendo, em seu lugar, uma política educacional pautada na solidariedade e na justiça social.

Os desafios e tensões surgidos com a luta em favor de uma educação que seja capaz de respeitar as diferenças, conforme aponta Azibeiro (2003), requer que sejam analisados a partir dos conceitos de multiculturalismo e interculturalidade. Entender as diferenças culturais é um passo significativo para que a aceitação do outro ocorra sem conflitos. A diferença não deve ser encarada como um mecanismo (des)humanizador, mas necessário para afirmação do outro como sujeito.

Enfim, o debate sobre a construção das identidades sociais deve estar presente no dia a dia da escola, valorizando o estudante como ser humano, e não a partir de sua origem. Com isso, a relação cultural precisa ser encarada como necessária para a interação sociocultural. A escola não pode se posicionar fora desse contexto, ela que é a responsável em criar este cenário para que os estudantes possam se relacionar e se respeitar mutuamente.

A literatura utilizada na realização deste trabalho sobre a questão cultural presente na sociedade moderna, como Bauman (2001), o estado líquido presente nessas relações pós-modernas faz com que as identidades sejam híbridas, resultado das inúmeras influências recebidas que impossibilitam a continuidade de algo fixo. Nesse sentido, compreende que o indivíduo híbrido cria uma cultura híbrida, fazendo que as referências culturais ou sociais sejam dissolvidas. Conforme a necessidade ocorre à substituição dessas referências por outras de caráter individualista, sem substância sólida, que se dilui e impossibilita uma convivência sem conflito existencial e social.

Nessa perspectiva, segundo aponta Chintoan-Uña (2014), lembra que a escola está nesse contexto da cultura híbrida, assim como, da ciência intelectual antropológica e sociológica. A cultura escolar precisa estar pautada nesse equilíbrio, uma vez que atuará na formação humana e intelectual dos estudantes. É necessária que ela tenha algo a mais para oferecer, contribuindo para a construção de uma sociedade que seja pautada na justiça social.

A cultura escolar é a responsável pela criação de espaços que proporcione aos estudantes uma melhor interação, fazendo que com a relação na sala esteja pautado no respeito e aceitação do outro como ele é. É na escola que são repassados aos estudantes normas e valores sociais por meio da organização racional e pedagógica do trabalho escolar.

Nesse sentido, se faz pertinente a compreensão do que representa a cultura escolar na construção de um pensamento social pautada no respeito e aceitação do outro.

Nesse sentido, importante frisar que a cultura escolar se constrói a partir do seu currículo, de sua prática educativa, dos saberes construídos, do espaço e tempo dedicado ao ensino, dos relacionamentos sociointerativos, de professores, estudantes, gestores, dos conflitos. O resultado da interação entre os estudantes, independentemente de sua nacionalidade, cor, gênero, crença ou religião, pode garantir uma relação de convergência ou de divergência.

O resultado da pesquisa de campo apresentou um quadro em que os estudantes são solidários, se importam com o outro, quando este tem algum tipo de dificuldade com o aprendizado. Quando foi solicitado que pudessem falar das coisas boas que eles consideram em sala de aula, com exceção do primeiro e nono estudante, todos os demais tiveram alguma coisa para contar, como sendo algo de bom que marcaram sua estadia na sala de aula, dividindo o espaço com outros estudantes de nacionalidades diferentes.

A estudante Darnielis, que é de nacionalidade venezuelana, ressaltou a predisposição de seus colegas em lhe ajudar quando não conseguiu compreender a atividade. E a resposta do estudante Enmanuel aponta um dos motivos dessa interação ser possível, porque mantém, entre si, uma rotina de conversas, fortalecendo a amizade e a confiança um no outro. Este cenário ajuda a construir um ambiente alegre, divertido, conforme aponta a estudante Nercy, ao descrever que as coisas que acontecem na sala são os risos e as brincadeiras, mesmo diante das tarefas que precisam ser feitas.

Na percepção da estudante Ana, o fato de poder dialogar com os demais amigos de sala sobre questões ligadas a vida, assim como falar de suas experiências, é algo bom que acontece na sala. Na descrição das estudantes Abella e Nercy o respeito mútuo e a paz são pontuados como um desses momentos bons que desfruta na sala de aula. O estudante Enmanuel destaca que faz o melhor para que tenha uma convivência saudável com os demais estudantes em sala de aula, mesmo que em algumas vezes isso seja um desafio para ele. Ao externar o sentimento gerado pela convivência em sala de aula, a estudante Darnielis fala o quanto se sentiu feliz enquanto divide o mesmo espaço que os demais.

O cenário apresentado acima é compreendido quando analisado à luz da educação intercultural, cuja efetividade tem por base a relação estabelecida em sala de aula entre os estudantes e professores, mantendo o respeito pela diversidade presente no círculo social formado em sala. A reflexão de Candau (2009) apresenta essa situação, em que a reflexão

deve compreender o indivíduo a partir de seu aspecto social, étnico, cultural e religioso. Neste sentido, afirma que:

[...] a educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se de um enfoque global que deve afetar todos os atores e todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade etc. (CANDAUI, 2009, p. 170).

O que se pode notar, com as observações feitas na citação acima, é que ainda há muito o que melhorar no sistema educativo, para que possa atender as demandas geradas pela interculturalidade. A estrutura do ensino ainda está pautada em um conservadorismo muito forte, e isso impede que a escola cumpra, de fato, seu papel social, oportunizando os seus estudantes a interação, o respeito mútuo, a percepção de que o acesso a escola é um direito.

Na percepção de Mascarenhas (2012), a escola não pode limitar sua atuação na transmissão seletiva, por meio de seu currículo, de alguns conhecimentos. Ela precisa ir além, considerar sua forte influência na construção de atitudes e comportamentos de seus estudantes dentro, e fora, da escola. O quanto contribui para a ressignificação e produção dos diferentes conceitos e conhecimentos presentes no campo da cultura, responsável pela promoção de debates e discussões que permitam a seus estudantes ampliarem e fortalecerem a luta por condições melhores na sociedade.

Neste sentido, o conservadorismo presente nas salas de aula ou no sistema de educação, aponta para estudantes que continuam a acreditar que a mudanças em sua vida passa pelo banco da escola. E não são apenas eles, enquanto estudantes, que precisam se sensibilizar disso, mas, em particular, a própria escola precisa atuar para que isso aconteça sempre, em todas as etapas de formação desses estudantes.

Corroborando com as ideias da autora acima, se entende que as diferenças culturais não devem ser suprimidas pela escola, querendo colocar todos os estudantes como se fossem iguais. A diferença é que faz do indivíduo, indivíduo, portanto, o trabalho pedagógico pelo viés intercultural ajuda a criar um ambiente saudável, em que os estudantes se respeitam, se sentem felizes em está compartilhando o mesmo espaço que seus colegas, de serem companheiros, de se ajudarem mutuamente. Tais circunstâncias contribuem para que o aprendizado seja dinâmico, levando em consideração a limitações de cada estudante em interagir, se relacionar com outro, de aprender, de ser.

A escola, não se pode negar, é uma zona de conflito, em que, geralmente, a cultura entra em rota de colisão, particularmente quando estudantes de nacionalidades diferentes ocupam o mesmo espaço. Por ser um estado com grande concentração de populações indígenas, nas escolas de Roraima estão, também, presentes muito desses estudantes, convivendo com culturas diferentes da sua.

Segundo aponta Ramos (2007), a convivência é um grande desafio para o ser humano de um modo geral, inclusive entre os que pertencem da mesma cultura, uma vez que o modo como percebem ou interpretam a realidade é diferente. Conviver é um desafio, porque as pessoas estão sempre susceptíveis a angústia e tensão. De que maneira atuar para minimizar os impactos disso nas relações interpessoais entre os estudantes é uma questão que a escola precisa dar conta.

É necessário se certificar, a todo instante, sobre a existência de um cenário, na escola, que faça com que os estudantes mantenham o respeito um pelo outro, entendendo que a construção do conhecimento só é possível por meio da interação saudável, da conversão, do diálogo, da discussão, o que cria um clima que favorece o processo de aprendizagem. Embora os professores, gestores e orientadores educacionais não consigam evitar as zonas de conflitos na escola, mas podem contribuir para que, quando ocorrer, represente o menor dano possível à estrutura social e cultura do estudante (RAMOS, 2007).

A convivência em sala de aula, conforme Ramos (2009) coloca em evidência a questão das diferenças culturais, uma vez que ali é o espaço das interações étnico-raciais, da diversidade sexual, em que está presente a questão do gênero, o pluralismo religioso, entre outros. A autora considera que essas são situações geradoras de tensões, cujas reações podem ser de intolerância, de discriminação, por essa razão, os educadores precisam atuar para que seja promovido na sala o respeito mútuo, a aceitação do outro como ele é. Assim, estão contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática.

Aceitar que haja algum tipo de problema na convivência não é algo fácil, muitos preferem negar a existência desse problema a assumi-lo. Não é possível imaginar que em uma sala de aula, com mais de 30 estudantes, com identidades, nacionalidades e gêneros diferentes, não tenha conflito. A necessidade de um diálogo intercultural já nasce em razão da existência de um conflito. Nesse sentido, embora alguns estudantes tenham respondido que não reconhecem a existência de alguma dificuldade no relacionamento em sala de aula, a pesquisa considera que isso se trata, na verdade, de uma omissão da informação.

A comunicação é um elemento essencial na convivência, porque é por meio dele que as pessoas conseguem se entender, conversar, se comunicar. Quando isso não existe, então a relação fica comprometida, porque o código que intermedia entra em rota de colisão.

A estudante Ana apresenta uma situação muito peculiar e presente em sala de aula, porque é algo inerente ao ser humano, dificuldade em aceitar aquilo que difere do que ele acha que é o certo, o que não esteja alinhado ao seu modo de pensar. Essa situação cria uma celeuma, promovendo, em boa parte das situações, isolamento. E isso é um elemento que as pessoas têm muita dificuldade em aceitar, ou seja, que não aceita ideias ou opiniões que diverja das suas, preferindo dizer que não tem conflito com ninguém, que se dar bem com todo mundo.

Para quem vem de outro país, com um idioma diferente, ter acesso a material com vocabulários, estrutura fonética, sintética, entre outros, próprios, vai ter dificuldade em se relacionar porque não consegue entender o que lhe está sendo dito, e nem o que ler. Sem compreensão mínima do idioma a conversação fica inviável, porque quem escuta não entende o que está sendo dito, ainda mais quando quem fala tenta falar no idioma do outro sem ter o devido domínio. Assim, geralmente a comunicação se dar mais por meio de gesto do que de palavras. Essas limitações acabam não permitindo discussões e debates em sala de aula.

A partir dos resultados apresentados acima se considera importante pontuar que é necessário ter uma atenção especial para as relações estabelecidas em sala de aula. Compreender os laços que intermediam as interações, de maneira a identificar os possíveis ruídos que possam se tornar um problema em sala de aula entre os estudantes.

Albuquerque (2019) chama atenção para a questão da desigualdade, que não se limita apenas no campo social, mas também de oportunidades, de acesso, de conhecimento. A desigualdade no tratamento entre os estudantes é um diferencial em sala de aula, uma vez que ser brasileiro ou venezuelano passa a importar na hora de qualificar ou dar uma nota por alguma avaliação feita.

Uma vez que a escola não pode negar o direito a seus estudantes à diversidade de pensamento, de gênero, étnica, ou algo do tipo, precisa fazer com que seus estudantes também sigam essa mesma linha, de maneira que as divergências de ideias e visão de mundo não interfiram na relação em sala de aula com outro, que pensa diferente, que tem outro entendimento a respeito das relações interpessoais (ALBUQUERQUE, 2019).

Dada a negativa dos estudantes a respeito de não haver nenhum problema que dificulte a relação em sala de aula, embora haja indícios de que algumas situações ajudam no

fomento dessa negação, se considera importante que a escola, e os professores em sala de aula, trabalhe a valorização da diferença. Cuidar para que suas ações estejam pautadas na dinâmica cultural é uma forma de potencializar o processo de aprendizagem de seus estudantes.

Segundo Candau (2011), a história do sistema educacional brasileiro é marcada por dificuldades em dar às diferenças o devido tratamento. Embora se esteja falando de uma escola moderna no século XXI, que oferece um ensino gratuito e obrigatório para todos, ela ainda mantém o cordão umbilical de sua herança em séculos passados, que tem uma visão unilateral de sociedade, pregando a ideia de um só povo, uma só nação, sem levar em consideração as diferenças socioculturais dessa população. Fatores assim motivam estudantes a negarem sua identidade por meio do silêncio, dada as investidas do sistema em querer homogeneizar os estudantes sem levar em consideração suas origens.

Na percepção de Candau (2011), para que seja vista como uma escola democrática, esse é o caminho a ser seguido. Em sua concepção:

[...] a dimensão cultural é intrínseca aos processos pedagógicos, “está no chão da escola” e potencia processos de aprendizagem mais significativos e produtivos, na medida em que reconhece e valoriza a cada um dos sujeitos neles implicados, combate todas as formas de silenciamento, invisibilização e/ou inferiorização de determinados sujeitos socioculturais, favorecendo a construção de identidades culturais abertas e de sujeitos de direito, assim como a valorização do outro, do diferente, e o diálogo intercultural (CANDAUI, 2011, p. 253).

Nota-se, com isso, que a linha de pensamento da autora conduz ao entendimento de que esse processo é um dos gargalos enfrentados pela escola, para que possa promover seu trabalho pedagógico levando em consideração a diversidade. Pensar a sociedade a partir desse ponto de vista é essencial para que atue com foco na legitimação das diferenças, ou seja, do outro como ele é. Essa questão é muito forte, quando pensado na sala de aula com estudantes de nacionalidades e idiomas diferentes, como as que fizeram parte desta pesquisa.

3.4 Possibilidades de interações interculturais

Há consenso entre educadores a respeito do papel da sala de aula no processo de interação social, seja entre estudantes, seja entre professores e estudantes. Assim, a sala de aula se torna um lugar privilegiado, porque possibilita uma melhor convivência interpessoal, colocando na mesa de negociação o respeito às divergências e a tolerância aos diferentes.

Esses são requisitos necessários para se pensar uma educação comprometida com a formação cidadã dos estudantes.

Chintoan-Uça (2014), pontua que são diversos os fatores que influenciam a escola, citando a questão da própria estrutura do ensino, as questões sociais, econômicas, culturais, religiosas, tecnológicas, entre outros. Portanto, em sua percepção, a escola não é um instrumento isolado do mundo, sendo seu papel se posicionar contra a apatia, o desinteresse e os conflitos gerados em sala de aula.

Considerando que a escola é o espaço da interação social, lugar em que as divergências precisam ser dialogadas, e não impostas como verdades absolutas, causando rupturas entre os sujeitos ali envolvidos. Dessa maneira, é necessário preservar todos os elementos que possam corroborar para uma convivência interpessoal com capacidade de superar suas desigualdades pelo respeito. Nesse sentido, é possível encontrar meios que possam auxiliar numa melhor vivência em sala de aula (MASCARENHAS, 2012).

No tocante ao estudo realizado, foi perguntado aos estudantes, o que seria necessário para uma melhor convivência em sala de aula. A resposta dada por eles ajuda, inclusive, a entender melhor que as respostas dadas foram muito limitadas, ao afirmarem que não havia nenhum tipo de problema que dificultasse a convivência em sala. Pelas respostas dadas a seguir, é possível notar que há, sim, algumas dificuldades, cujas são apontadas aqui como necessárias sua superação.

Para a estudante Renata, uma das contribuições seria que as conversas paralelas ao menos diminuíssem. Enquanto o estudante João se queixa da falta de interesse em estudar, na visão da estudante Aline, o importante é zelar pelo diálogo, que esteja mais presente entre os estudantes. Embora os estudantes Lucas, Abella, Nercy e Enmanuel entendam que não seja necessário fazer nada para melhorar a convivência, porque está bom, a resposta dada pelos demais estudantes, aponta que tem sim, muita coisa a ser refeita.

A estudante Andressa traz uma visão mais centrada na questão, apontando que teriam uma melhor convivência se houvesse mais diálogo entre os estudantes, assim como respeito e empatia. Essa posição remete à discussão feita acima, a respeito do quanto é importante a escola se dar conta dessa diversidade presente em seu ambiente, contribuindo para que a responsabilidade pela construção de um espaço harmonioso entre os estudantes, no sentido de respeito às divergências, parta primeiramente dela.

Considerando o idioma um empecilho, a estudante Darnielis afirma que essa questão poderia ajudar melhor em sua convivência na sala de aula. Acredita-se que essa fala

representa a dos demais estudantes migrantes na escola, em particular vindos do país venezuelano. Entende-se, nesse sentido, o problema não é apenas em fala, mas também em escutar o idioma local e tentar decifrar o que se quer dizer. Esse é um caminho que pode ajudar numa melhor aproximação entre os estudantes, de maneira que a reclamação do estudante Enmanuel deixe de ser uma realidade nas salas com mais de um idioma presente.

O contexto apresentado na pesquisa de campo demonstra que o que faz o ser “humano” é sua capacidade de viver em sociedade, e isso é intermediado pelo viés da cultura. Na concepção de Ramos (2007b), é a cultura que humaniza e dar sentido para as relações sociais. Estão imbuídos nesse cenário o modo de vida de cada um, assim como suas crenças e identidades.

Ramos (2007b), entende que na sociedade moderna, movida pelos avanços tecnológicos, não pode deixar que as mudanças culturais representem um retrocesso de valores, atitudes, comportamentos perante a interculturalidade. As tensões e os conflitos devem ser essenciais para qualificar as relações, não para entender o outro como objeto e não sujeito.

No cenário analisado, criado a partir das respostas dadas pelos estudantes, a participação do professor é importante, porque passa a ser o intermediador desse processo, auxiliando na contenção e administração dos conflitos. A sala de aula acaba sendo um reflexo da vida do estudante fora da escola, e ao acolher esse estudante, ela deve entendê-lo a partir de suas características culturais, grupo social do qual faz parte. Assim, a convivência em sala de aula flui melhor.

Ao entender a escola como produto de um processo democrático, que a partir dos anos 1990 universalizou o acesso ao ensino, Ramos (2010), defende que o respeito ao estudante não pode ser anulado em momento algum do processo educativo. A escola não deve criar vassalos, que tem por obrigação obedecer a todas as regras. Para tanto, a autora entende que os educadores devem se manter distante de práticas pedagógicas que contrarie os princípios da democracia, entre os quais está o de livre pensamento.

Silva e Rebelo (2017), reforça a linha de pensamento que compreende o professor como intermediador das relações estabelecidas em sala de aula. Com a participação alguns conflitos são superados, uma vez que os estudantes têm a pessoa do educador em sala como referência. Nesse sentido, alguns recorrem ao mesmo para sanar algum tipo de problema gerado na interação social. Com a atuação do professor a convivência em sala ganha outra

conotação, porque o estudante tem nele a referência para auxiliar na superação de alguma dificuldade.

Os conflitos não são passageiros, acompanham os estudantes em todas as etapas da vida, o diferencial está no modo como administram os mesmos. Em sala de aula isso representa um grande desafio, mas que, por meio da boa vontade de ambas as partes, pode ser superado, servindo de base para a construção de uma boa relação com as outras pessoas. Essas questões são mais bem trabalhadas do ponto de vista da interculturalidade, compreendendo o outro como semelhante.

Segundo Candau (2009), a racionalidade humana é provida de emoções, e apresenta complexas interações no processo de construção do comportamento social. Uma vez pensando assim, considera que no cerne da escola está a interação entre os diferentes, que representa uma oportunidade para construção do conhecimento.

Crítica da pedagogia tradicional, Mascarenhas (2012), justifica sua posição ao afirmar que se trata de uma prática que limita a interação à seleção de conteúdos, a uma didática sistemática, em que o professor acaba sendo o protagonista do processo, o detentor do conteúdo. Ao defender os métodos mais modernos, que pautam o rompimento com a linearidade, entendem que o conhecimento é uma construção coletiva, e que se dar por meio da interação de visões e pensamentos diferentes.

A escola deve oportunizar a seus estudantes um ambiente que favoreça suas vivências diferenciadas em sala. Essa vivência é importante em razão de sua capacidade em ajudar na formação, construindo saberes e dando significado para o outro como ser semelhante. O diferente também é, sua existência é importante para a existência do outro. Entender isso, assim como respeitar, é um percurso que deve ser conduzido pela escola, em que os professores assumam esse papel de intermediador (SILVA; REBELO, 2017).

Neste sentido, importante frisar o que pensa, a respeito, Motiner (2012), para quem:

O processo de aprendizagem não é visto como a substituição das velhas concepções, que o indivíduo já possui antes do processo de ensino, pelos novos conceitos científicos, mas como a negociação de novos significados num espaço comunicativo no qual há o encontro entre diferentes perspectivas culturais, num processo de crescimento mútuo. As interações discursivas são consideradas como constituintes do processo de construção de significados (MOTINER, p. 284).

Entende-se, com isso, o quanto as interações são importantes, uma vez que oportunizam aos estudantes a possibilidade de elaborar seus próprios significados e conceitos na sala de aula. A interação tem participação incisiva no processo de formação da consciência

crítica do estudante, em sua capacidade de argumentação daquilo que se apresenta como realidade a ele.

Seguindo as reflexões de Silva e Rebelo (2017), a participação do professor em sala tem sua importância, é ele quem cria o espaço que permite as interações acontecerem. Ao mediar às discussões, o educador faz com que os estudantes expressem suas dúvidas, apresentem sua interpretação, sem se preocupar de estar certo ou errado, mas de expor sua forma de pensar. Essa expressão acontece dentro de um universo de respeito e compreensão da figura do outro como receptor da mensagem, e que, em momento oportuno os papéis se invertem, passando ele a escutar e compreender o outro.

Neste conjunto de ressignificados, ao perguntar aos estudantes se sua interação em sala de aula contribuiu para o seu processo de aprendizagem, a resposta foi praticamente unânime, afirmando que sim. A reciprocidade permeia a resposta dos estudantes, que confirmam ter percebido algum tipo de melhora no processo de ensino e aprendizagem com ajuda da interação em sala de aula.

Essa questão, aponta para os efeitos positivos de uma boa relação, em que os indivíduos se respeitam e buscam valorizar aquilo que é convergente entre eles. O aprendizado está muito ligado ao modo como cada um se comporta em sala e interage com o outro, compartilhando conhecimento. Da mesma forma ocorre com os professores, que por meio de sua interação com os estudantes compartilha seu conhecimento por meio do ensino, ajudando seus estudantes a melhor compreender o assunto discutido em sala.

A percepção de Silva e Rebelo (2017), é que tanto a relação entre professor e estudantes, e entre os próprios estudantes, tem sua relevância para o processo de aprendizagem. Na visão das autoras, em sala de aula a produção do conhecimento acontece por meio da interação, destacando a importância do papel que assume o professor por meio de sua prática pedagógica de ensino. Reforça o protagonismo de mediador do educador, o responsável em guiar os estudantes para acessarem o saber sobre o conteúdo curricular apresentado em sala de aula.

Candau (2011), salienta que o processo de aprendizagem é resultado das sucessivas interações entre os indivíduos, ou seja, é na relação com o diferente que a pessoa conhece modos diferenciados de pensar, agir e se comportar, desenvolvendo novos conhecimentos. Na percepção da autora, a relação entre ensino e aprendizagem tem um caráter social, uma vez que isso é possível porque há pessoas se esforçando para que isso aconteça.

A forma como os professores se porta em sala de aula, assim como a expressão de suas intenções, alcança diretamente os estudantes. O método utilizado para explicar o assunto em sala, a forma como trabalha esse conteúdo com seus estudantes, incentivando momentos de interações coletivas, delegando aos estudantes a tarefa de ser protagonista, apresentando o conteúdo por meio de seminários, entre outros mecanismos, corrobora para que a interação entre ensino e aprendizagem seja positiva.

Para Mascarenhas (2012), os questionamentos surgidos na relação professor e estudante é um aporte para se construir o conhecimento, uma vez que questionar é uma forma de lançar luz sobre o que, até então, estava fora de foco. O questionamento é também um recurso pedagógico a disposição de professores e estudantes, para que o pensamento seja estimulado, se tornando um instrumento crítico para promover o ensino e a aprendizagem.

O professor tem a responsabilidade de estimular as interações entre seus estudantes, buscando elevar o seu grau de compreensão e formação de um pensamento crítico. O que está envolvido nesse jogo de interação entre educadores e estudantes, e entre os estudantes é algo além da objetividade do estudo científico, há subjetividades também, relações efetivas e afetivas. O envolvimento dos estudantes se dá a partir de uma relação de confiança, de acreditar que o mediador da discussão também é seu amigo. Tudo isso acaba contribuindo para que o resultado gerado pelo ensino e aprendizagem seja satisfatório à luz do que se tem naquele momento.

A discussão ainda acontece envolta do tema da interação social, por considerar um dos principais elementos que ajuda a melhor compreender a questão da interculturalidade e o multiculturalismo entre brasileiros e venezuelanos, tendo como campo de estudo a escola. A discussão procurou evidenciar essa questão no ambiente da sala de aula, mas, não ficou limitado a isso, também se procurou saber como aconteceria essa interação fora da sala, em uma festa, por exemplo, promovida pela escola, em que os estudantes estariam presentes para se divertirem.

Do ponto de vista da migração, Niño (2020), entende que a interação social acontece a partir da comunicação estabelecida entre as pessoas. Entende que se dar por meio do uso de uma linguagem cotidiana, cujos movimentos se interrelacionam. Neste sentido, a interação se torna viável pelo respeito ao outro, e aceitação do mesmo com suas diferenças.

Ao tentar pensar o conceito de interação social, afirma ser ela um tipo de influência recíproca entre os indivíduos que se relacionam. Dessa maneira, sua existência depende do

contato entre duas ou mais pessoas, trocando informações compreensíveis, sejam de linguagem ou gestos.

Importante que o indivíduo compreenda que sua existência no mundo depende da existência do outro também, porque sem interação não é possível afirmar sua identidade, saber quem é de fato. Essa questão nos remete a pensar a relação estabelecida entre os estudantes e um espaço fora da sala de aula, em um ambiente festivo. Sobre como seria uma festa com a presença de estudantes brasileiros e venezuelanos.

De certa maneira, a resposta dada pelos estudantes ajuda a compreender seu comportamento, na interação com quem vem de fora, de outro país, em um lugar que não seja a sala de aula. Na percepção do estudante João, seria algo meio estranho, acentuando a questão do idioma e costume, o que deixa margem para traduzir que ambos não conseguiriam se entender, assim como estranhariam o comportamento de cada um. Já a estudante Aline considerou que seria muito bom, porque haveria ali uma mistura de cultura, que no entendimento dele, seria positiva essa interação.

A estudante Renata avaliou como positivo a possibilidade disso acontecer, mas, ressalta que a interação não pudesse acontecer como se desejaria, uma vez que ainda é muito comum a existência de conflitos entre estudantes brasileiros e venezuelanos. E a festa poderia ser um lugar em que poderia externalizar essas diferenças de forma mais acentuada, provocando tumulto e violência. A descrição dada pela estudante Andressa, talvez possa servir de exemplo para a resposta da estudante Renata, porque ela entende que a festa aconteceria com os estudantes brasileiros interagindo, curtindo a festa, enquanto os venezuelanos estariam à margem, excluídos, e, portanto, não confortável em estarem naquele lugar.

Para os estudantes Abella, Nercy e Enmanuel a festa seria apenas mais um evento normal, nada de diferente do que já ocorre no dia a dia dos mesmos. Mas o que chama atenção é a resposta da estudante Abella, cuja concepção é que entre os jovens não existe discriminação de nacionalidade. Essa é uma questão emblemática, em que só quem é de fora pode falar da experiência que é ser olhado com um olhar de desconfiança, de ser o de fora, aquele que representa o que há de ruim. Essa discriminação está presente nos pequenos gestos, no olhar, no ignorar a presença.

Embora nunca tenha participado de uma festa desse tipo, a estudante Darnielis considera que deve ser legal, uma experiência boa. Enquanto para a estudante Ana a festa

seria muito boa, considerando que metade de quem estivesse na festa eram seus amigos, então, não teria dificuldade em interagir e aproveitar ao máximo a festa.

Compreendendo que o estudante é um ser com acúmulos de vivências em outros espaços, que tem sua própria história e cultura, que se constrói de forma gradual no meio no qual está inserido, seja o familiar, da escola, do bairro, da cidade, dentre outros. Dessa maneira seus valores vão sendo criados e desenvolvendo seus conceitos e concepções de mundo. Nesse aspecto se pode pensar o sentido das respostas dadas pelos estudantes na pesquisa de campo.

Segundo aponta Candau (2009), não tem como dissociar a realidade vivida pelo estudante em seu dia a dia de sua presença na sala de aula. Assim, entende que o educador precisa estar sensível a essa questão, criando oportunidades para que o estudante consiga se expressar sem deixar de lado essas características. É necessário também trabalhar para que as experiências apresentadas em sala de aula estejam já pautadas no respeito pela diversidade, entendendo que diferença cultural deve ser um elemento que atrai, e não que distancia.

A partir do exposto acima, se compreende o quanto esse fator é importante para que a interação intercultural seja possível sem a pertinência do conflito. Todos têm uma história, que deve agregar o conhecimento que cada um tem assim como externalizar suas visões de mundo sem que discrimine aqueles que se enquadram no padrão predefinido sobre sua interação com os demais.

O processo de conscientização sobre o seu lugar no mundo, e que papel assume nele é um passo importante para a construção de uma relação pautada no respeito e aceitação do outro e sua cultura. Entendendo que o ser humano passa por constantes mudanças, inclusive de conceitos e formação de valores (SILVA; REBELO, 2017).

Na escola, segundo aponta Mascarenhas (2012), a sala de aula é extensão do estudante, no sentido de representar o seu mundo naquele espaço. Dessa maneira, os colegas de sala fazem parte desse mundo e o professor é quem intermedia essa relação. É na sala de aula que a interação acontece, e a relação estabelecida se estende para dentro de um ambiente extrassala, como o de uma festa promovida para diversão dos estudantes.

A interação social do estudante no ambiente escolar está muito ligada ao modo como o estudante se relaciona com a sociedade, das vivências, da realidade na qual está inserido, servindo como link para sua relação com os demais estudantes. Cada espaço tem sua particularidade, e o estudante deve se adaptar aos mesmos, porque uma coisa é o círculo

familiar, outro de amigos do bairro e outro da sala de aula, tendo que saber lidar com cada um deles, já que estará sujeito a se deparar com situações adversas (MASCARENHAS, 2012).

A partir do exposto se entende o papel fundamental da interação para o processo de formação dos estudantes, porque isso requer empenho em aprender com o outro, tendo em vista que o estudante também está em processo de aprendizado mesmo fora da sala de aula. Nesse sentido, estar na festa não seria apenas uma falta de opção, mas aproveitar a oportunidade de interagir com os demais presentes e aprender um pouco sobre cada um deles.

Enfim, a festa é um ambiente que proporciona aos estudantes entender melhor sua cultura a partir da cultura do outro, legitimando o que autores como Candau (2011), Ramos (2010) e Silva e Rebelo (2017) apresentam como interculturalidade, elemento essencial para se compreender as interrelações consolidadas em sala de aula com estudantes de diferentes nacionalidades e idiomas. Com isso, se entende que as relações estão sempre sendo intermediadas, seja pela figura do educador, do ambiente em si ou dos próprios estudantes, de maneira a proporcionar um melhor aprendizado e respeito mútuo um pelo outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto migratório observado a partir de 2015 até 2022 no estado de Roraima, percebe-se que houve significativo aumento da demanda nas matrículas escolares com a chegada dos estudantes venezuelanos. Entretanto, o sistema educacional do estado não se atentou para a possibilidade de reorientar as práticas pedagógicas no sentido de acolher os migrantes e os incluir no processo educativo.

No plano da educação há uma preocupação em criar mais vagas de matrículas e atender os novos estudantes que chegaram, mas, não há um projeto voltado para a educação intercultural que possibilitaria a complementação das práticas de acolhimento e inclusão dos migrantes à sociedade. Perde-se com isso a oportunidade de se repensar a educação a partir do contexto transfronteirço no qual o estado está inserido.

Pautado nos resultados da pesquisa de campo se observa que as relações interculturais se processam de forma espontânea conforme a convivência cotidiana nas escolas. Porém, ainda há dificuldades de convivência no que tange à linguagem e ao entendimento entre diferentes e o respeito às diferenças. As lacunas identificadas na pesquisa de campo revelam a ausência de políticas públicas migratórias que pensem a inclusão dos migrantes nos processos educativos. Isso implicaria planejar métodos e técnicas capazes de trabalhar a aceitação de outras culturas, reconhecer a importância das diferenças culturais e criar estratégias de interação intercultural.

Neste sentido, o processo de ensino-aprendizagem vincula um conjunto de ações pedagógicas que muito influenciam no desenvolvimento do aluno, pois podem ou não delimitar o rendimento escolar. Portanto, as interações entre alunos brasileiros com alunos migrantes venezuelanos, pressupõe inúmeros fatores que influenciam a aprendizagem e o desenvolvimento individual no âmbito escolar caracterizado pela diversidade cultural.

A pesquisa revelou que a diversidade cultural é uma grande riqueza no processo educativo. Os resultados das entrevistas indicaram que as interações interculturais ocorrem de forma espontânea entre os alunos, porém, alguns apresentam dificuldades. Os participantes da pesquisa enfatizam a importância das trocas de saberes, conhecimentos, arte, comportamento e até valores são citados pelos jovens.

Outros enfatizam a importância da convivência com as diferenças como forma de “interação de experiências e trocas culturais”. Desta forma é possível afirmar que as interações culturais ocorrem de forma espontânea entre os estudantes e poderia ser muito mais

intensificadas se existisse um empenho maior por parte da escola no sentido de promover maior integração entre os estudantes.

Tanto os estudantes brasileiros como os migrantes venezuelanos não colocam as nacionalidades como um impedimento da convivência. A insistência de um projeto de promoção das interações culturais como parte de uma política pública efetiva aparece fortemente na pesquisa de campo que conclui que os momentos de festa e lazer planejados como práticas pedagógicas poderiam contribuir de forma acentuada com os processos de interação intercultural e para uma maior inclusão dos estudantes migrantes.

Muitos estudantes fizeram referência às interações linguísticas e elogiam o aprendizado do espanhol de forma espontânea a partir da interação com o idioma entre os estudantes, de modo especial através das canções que são ouvidas e compartilhadas entre estudantes.

Os resultados da pesquisa acenam para uma alta demanda de educação intercultural por parte dos estudantes venezuelanos. Da parte dos alunos brasileiros, as relações interculturais se processam de forma espontânea e, aos poucos vão superando a reprodução da hostilidade e da xenofobia praticadas por seguimentos da sociedade que ainda resistem em não ver nas migrações grandes oportunidades de crescimento social, humano e cultural.

Os dados levantados na pesquisa de campo apontam para abertura dos jovens às novas experiências a partir dos encontros e intercâmbios interculturais que se processam nas trocas de saberes, na arte, na música, na culinária e em muitas outras manifestações culturais que vão conquistando espaço na sociedade a partir da experiência dos estudantes.

Por fim, esta pesquisa desperta para novos estudos que poderão ampliar estes conceitos e as experiências interculturais que se fazem muito presentes entre os jovens estudantes. Estas observações foram orientadas por um olhar intercultural que permite uma análise mais aprofundada de recortes do contexto migratório colocando em pauta seguimentos importantes como foi o caso dos migrantes estudantes. Muitos outros recortes poderão ser retomados e aprofundados em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Tendencias Globales de Desplazamiento Forzado en 2018. Ginebra: ACNUR, 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/stats/globaltrends/5d09c37c4/tendencias-globales-de-desplazamiento-forzado-en-2018.html?query=tendencias%202019>. Acesso em: 02 dez. 2021.

AIKES, Solange; RIZZOTTO, Maria Lucia Frizon. Integração regional em cidades gêmeas do Paraná, Brasil, no âmbito da saúde. Cadernos de Saúde Pública. Rio de Janeiro, Agosto 2018. Disponível em: <http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/527/integracao-regional-em-cidades-gemeas-do-parana-brasil-no-ambito-da-saude>. Acesso em: 02 dez. 2021.

ALBUQUERQUE, Janison Machado de. Auditoria Social dos ‘Negócios Migratórios’ das ações de assistência emergencial e humanitária em Roraima. Boa Vista, RR: Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras – Universidade Federal de Roraima, 2022.

ALBUQUERQUE, Luize Ferreira de. Migrantes e o processo de integração: um estudo de caso sobre migrantes venezuelanos em João Pessoa. João Pessoa: Monografia apresentada a Universidade Federal da Paraíba, 2019.

ANTUNES, Jeferson; SILVA, Abigay Fernandes da; SILVA, Ana Clarice Bezerra de Araújo; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. **Diagnóstico rápido participativo como método de pesquisa em educação**. Campinas: Revista Avaliação; v. 23, n. 03, p. 590-610, nov. 2018.

ARAÚJO, Bryan. Número de venezuelanos matriculados em escolas de RR cresce 8.489% em dez anos. Disponível em: <https://roraimaemtempo.com/ultimas-noticias/numero-de-venezuelanos-matriculados-em-escolas-de-rr-cresce-8.489p-em-dez-anos-,351934.jhtml>. Acesso em: 15.07.2020.

AZIBEIRO, Nadir Esperança. Educação intercultural e complexidade: desafios emergentes a partir das relações em comunidades populares. In: FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). Educação inter-cultural. Mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

AZMITIA, Oscar. Repensando la educación desde la pandemia y desde la educación popular. Consejo de Educación Popular de América Latina y el Caribe – CEAAL. Revista La Piragua N° 47, Diciembre/2020.

BÄCKSTRÖM, B. & CASTRO-PEREIRA, S. (2012). “A questão migratória e as estratégias de convivência entre culturas diferentes em Portugal.” REMHU: **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, 20(38), 83-100.

BAENINGER, R. (Org.); et al. **Migrações Fronteiriças**. 1. ed. Campinas: UNICAMP - Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" - Nepo/Unicamp, 2018. v. 1. p. 680.

BALESTRO, Ana Cristina. Língua e Cultura no Contexto de Feminização das Migrações de Refúgio. Anais do IX Seminário dos Estudantes dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Letras da UFF – Estudos de Linguagem. UFF, no 1, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa Porta**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BECKER, B. K. **O uso geopolítico do território: questões a partir e uma visão do terceiro mundo**. BECKER, B. K. ; HAESBAERT, R.; SILVEIRA, C. (Orgs). Abordagens políticas da espacialidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 1983.

BOUFLEUR, Emne Mourad. Diversidade Cultural e Interculturalidade: Desafios de Escolas Públicas na Fronteira Brasil Paraguai, 2014.

BRANDÃO, Z. A dialética Micro/Macro na sociologia da educação. **Cadernos de pesquisa**, n. 113, p. 153-165, julho/2001.

CAMPOS, Ciro; PINTO, Flávia; BARBOSA, Reinaldo Imbrózio. O Lavrado de Roraima: importância biológica, desenvolvimento e conservação na maior savana do Bioma Amazônia. Boa Vista: INPA-RR, 2008.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. “Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos”. **Educação & Sociedade**, 33(118), p. 235-250, ano 2008.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. In: CANDAU, V. M. (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 154-173.

CANTONI, M. G. S. **A interculturalidade no ensino de línguas estrangeiras: uma preparação para o ensino pluricultural o caso do ensino de língua italiana**. Curitiba: Dissertação de mestrado em Estudos Linguísticos. Universidade Federal do Paraná, 2015.

CASTRO, I. E. da. **Geografia e Políticas – território, escalas de ação e instituições**. 4ª ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2011.

CASTRO, Ricardo. **Amazônia: novos caminhos nas relações entre homem e mulher**. São Paulo: Paulinas, 2020.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

CATAIA, M. A relevância das fronteiras no período atual: unificação técnica e compartimentação política dos territórios. In: Scripta Nova – **Revista eletrônica de Geografia Y Ciências Sociais**. Online. 2007.

CAVALCANTI, Leonardo, *et al.* **A economia de Roraima e o fluxo venezuelano: vidências e subsídios para políticas públicas.** Rio de Janeiro: FGV/DAPP, 2020.

CHINTOAN-UȚA, Bianca. **Integração Escolar e Discriminação de Estudantes Estrangeiros em Portugal e na Roménia, no Ensino Universitário.** Lisboa: Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Faculdade de Ciências Sociais e Humana, Universidade Nova de Lisboa, 2014.

COSTA, Barbara Regina Lopes. **Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica.** RIGS - revista interdisciplinar de gestão social v.7 n.1 jan./abr.2018.

COSTA, P. H. R.; SENHORAS, E. M.; Cobertura jornalística dos fluxos migratórios venezuelanos em Roraima. Migração Venezuelana: Roraima como epicentro dos deslocamentos. Boa Vista: **Editora IOLE**, 2022.

COSTA, W. M. da. **Geografia Política e Geopolítica.** São Paulo: Hucitec, 1992.

CUNHA, Marinaldo de Almeida. **O problema do estudante imigrante: Escola, cultura, inclusão.** Curitiba: EDUCERE - XII Congresso Nacional de Educação. PUCPR, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20781_10323.pdf. Acesso em: 02/12/2021.

DESA/ONU - Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da Organização das Nações Unidas. Número global de migrantes sobe mais do que população mundial. ONU News, 18 de setembro de 2019. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/09/1687312>. Acesso em 04/05/2021.

FLEURI, Reinaldo Matias. “Intercultural e educação”. **Revista Brasileira de Educação**, (23), ano 2003, p. 16-35.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1986.

FREITAS, M. C. S. Prefácio. In. HOMMA, A. K. O. et al. **Imigração japonesa na Amazônia: contribuição na agricultura e vínculo com o Desenvolvimento Regional.** Manaus: Edua, 2011.

GADOTTI, M. **Diversidade cultural e educação para todos-** Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GOTTMANN, J. *The significance of territory.* Charlottesville: University Press of Virginia, 1973.

HISSA, C. E. V. A. **Mobilidade das fronteiras: inserções da Geografia na crise da modernidade.** Belo Horizonte: **Ed. da UFMG**, 2002.

IANNI, O. **A Era do globalismo.** 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LANDA, M. B.; HERBETTA, A. F. Educação indígena e interculturalidade: um debate epistemológico e político. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.

MACHADO, L. O. **Limites e fronteiras**. Da alta diplomacia aos circuitos da ilegalidade. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 9-29. 2002.

MARTINS, J. de S. O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. *Tempo Social*, **Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, 8 (1), 25-70, maio de 1996.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASCARENHAS, Maíra. Simmel e Goffman: contribuições para o estudo das relações sociais no ambiente escolar. **Intratextos**, Rio de Janeiro, 4(1): 240-257, 2012.

MONSMA, Karl; TRUZZI, Oswaldo. Sociologia das migrações: entre a compreensão do passado e os desafios do presente. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 20, n. 49, set-dez 2018, p. 18-23.

NEVES, G. R. Fronteiras em mutação. “Deletando” a memória? In: CASTRO, I. E. de; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. G. (Orgs). *Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: Faperj, 2000.

NIÑO, Edgar Andrés Londoño. Migração, Cidades e Fronteiras: a Migração Venezuelana nas Cidades Fronteiriças do Brasil e da Colômbia. *Espaço Aberto*, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, V. 10, N.1, p. 51-67, 2020.

OLIVEIRA, Márcia de. Atualidades das Migrações na Amazônia. Manaus: Portal Amazonas Atual, 2017. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/atualidades-das-migracoes-na-amazonia/#:~:text=Ainda%20de%20acordo%20com%20a,e%20internacional%20na%20Am%C3%A9rica%20Latina>.

OLIVEIRA, Márcia de. Retrospectiva das migrações na Amazônia em 2019. Manaus: Portal Amazonas Atual, 2019. Coluna online disponível em: <https://amazonasatual.com.br/retrospectiva-das-migracoes-na-amazonia-em-2019>. Acesso em 05/05/2021.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Editora Scienza, 2016.

OLIVEIRA, Márcia Maria de; DIAS, Maria das Graças Santos. **Interfaces da mobilidade humana contemporânea na fronteira amazônica**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Aprendizado e Desenvolvimento, um Processo Sócio-Histórico**. São Paulo: Scipione, 2019.

ORTIZ, Renato. Diversidade cultural e cosmopolitismo. Agosto de 1999.

PEREIRA, G. F. O português como língua de acolhimento e interação: a busca pela autonomia por pessoas em situação de refúgio no Brasil. São Paulo, Cadernos de Letras, v. 17, n. 1, 2017.

PERUCCI, A. F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999

PINHO, Alessandro Paiva de. **O Exército Brasileiro na Operação Acolhida**. Rio de Janeiro: TCC (Especialização em Política, Estratégia e Alta Administração do Exército) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Natália. Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural – políticas e estratégias de promoção do diálogo intercultural. Universidade Aberta | Lisboa. Revista Educação em Questão, Natal, v. 34, n. 20, p. 9-32, jan./abr.2009.

RAMOS, Natália. Interculturalidade e Alteridade: dinâmicas, contextos e políticas. In: SERAFIM, J. F.; TOUTAIN, L. M. B. B. ; GEFFROY, Y. (Org.). Perspectivas em informação visual: cultura, percepção e representação. Salvador: EDUFBA, 2010.

RAMOS, Natália. Interculturalidade, Educação, Desenvolvimento: O Caso das Crianças Migrantes. Porto: Areal Editores, 2007.

RAMOS, Natália. Sociedades multiculturais, interculturalidade e educação. Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos. Universidade aberta, Lisboa. Revista Portuguesa de Pedagogia. Ano 41-3, 2007, 223-244.

SACK, R. D. **Human Territoriality: Its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SANTOS, Catarina de Almeida; ALVES, Miriam Fábila; MOCARZEL, Marcelo; MOEHLECKE, Sabrina. Militarização das escolas públicas no Brasil: um debate necessário. Editorial. Revista Brasileira de política e administração da educação. v. 35 n. 3 (2019), p. 580 – 591.

SAYAD, A. **A imigração**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SILVA NETO, João Paulino da. **Saberes dos povos indígenas Maya e Yanomami: desafios epistêmicos no processo de descolonização**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SILVA, Taciana Barros da. **A construção do indivíduo social na escola**. Niterói: Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Filosofia pelo Curso de Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, 2017.

SILVA, Vanilda Alves da; REBELO, Flavinês. *A educação intercultural e os desafios para a escola e para o professor*. Interações. Campo Grande. V18. Nº1 p.179-190, jan/mar. 2017.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOUZA, M. J. L. **O território**: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO et al (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. (p. 77-116).

SOUZA, M. J. L. Território da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular (UNESP), 2008, p. 57-72.

VENDRAMINI, C. R. Jovens Migrantes diante do desafio de trabalhar e estudar. **Revista Contrapontos** - Eletrônica, Vol. 17 - n. 3 - Itajaí, Jul-Set 2017.

WALSH, C. *La educación intercultural en la educación*. Perú: Ministerio de Educación, 2010.

ANEXOS

Anexo 01: Parecer do CEP/UFRR ao Protocolo de Pesquisas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RORAIMA - UFRR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: INTERAÇÕES INTERCULTURAIS OBSERVADAS ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM BOA VISTA - RORAIMA

Pesquisador: Nanoy Vieira Esbell

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 51445821.0.0000.5302

Instituição Proponente: Universidade Federal de Roraima - UFR

Patrocinador Principal: Universidade Federal de Roraima - UFR

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.105.650 APROVADO

Anexo 02: Carta de Anuência – Escola Estadual Profº Camilo Dias

**Carta de Anuência
Autorização para Realização de Pesquisa**

Eu, MARIA CILENE G. R. BARROZO, gestora da Escola Estadual ESCOLA E. PROF. CAMILO DIAS, declaro conhecer o projeto de pesquisa **INTERAÇÕES INTERCULTURAIS OBSERVADAS ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM BOA VISTA- RORAIMA**, de responsabilidade da mestranda Nanoy Vieira Esbell na qualidade de Projeto de Pesquisa de Mestrado apresentado para Exame de Qualificação no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima sob a orientação da professora doutora Márcia Maria de Oliveira.

Entendi perfeitamente os objetivos e a metodologia e declaro que estou de acordo com a realização da pesquisa com alunos do Ensino Médio desta escola com aplicação da metodologia bola de neve na qual um primeiro aluno ou aluna indica outro e assim, sucessivamente, para participar da pesquisa.

Da mesma forma, caso a pesquisadora queira e possa realizar o estudo de forma presencial, receberá desta direção o apoio necessário por entendermos a importância da pesquisa no âmbito escolar em Boa Vista.

Atenciosamente,

Boa Vista, 06 de Outubro de 2021.


 Maria Cilene Gomes Rodrigues Barroso
 Gestora
 Escola Est. Prof. Camilo Dias
 Doc. 0274P de 1º/04/2019

Gestora da Escola

Anexo 03: Carta de Anuência – Escola Militarizada Irmã Maria T. Parodi

Carta de Anuência
Autorização para realização de Pesquisa

Eu, SOÃO BATISTA DE L. AMADOR, gestora da Escola Estadual COLÉGIO MILIT. IRMÃ M. T. PARODI, declaro conhecer o projeto de pesquisa **INTERAÇÕES INTERCULTURAIS OBSERVADAS ENTRE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO EM BOA VISTA- RORAIMA**, de responsabilidade da mestrandia Nanoy Vieira Esbell na qualidade de Projeto de Pesquisa de Mestrado apresentado para Exame de Qualificação no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima sob a orientação da professora doutora Márcia Maria de Oliveira.

Entendi perfeitamente os objetivos e a metodologia e declaro que estou de acordo com a realização da pesquisa com alunos do Ensino Médio desta escola com aplicação da metodologia bola de neve na qual um primeiro aluno ou aluna indica outro e assim, sucessivamente, para participar da pesquisa.

Da mesma forma, caso a pesquisadora queira e possa realizar o estudo de forma presencial, receberá desta direção o apoio necessário por entendermos a importância da pesquisa no âmbito escolar em Boa Vista.

Atenciosamente,

Boa Vista, 06 de Outubro de 2021.



Juliana de L. Parodi
Diretor(a) Escolar
Colégio Estadual Militarizado
Irmã Maria T. Parodi
Boa Vista - RR
Decreto nº 571, de 10/01/2012
Gestora da Escola

Anexo 04: Questionário aplicado aos estudantes



Ministério da Educação
 Universidade Federal de Roraima
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras



PPGSO F Mestrado em Sociedade e Fronteiras

Projeto de dissertação

Interações Interculturais observadas entre estudantes do Ensino Médio em Boa Vista, RR

Mestranda: **Nanoy Vieira Esbell**

Roteiro de Entrevista com Estudantes

1. Identificação do/a Participante		
Idade:	Orientação Sexual:	Naturalidade:
Estado em que nasceu:		
Município de nascimento:		
Ano do Ensino Médio em que está estudando:		
2. Descreva sua sala de aula observando os diferentes colegas:		
3. Descreva as coisas boas que acontecem na sua sala de aula no convívio com os colegas:		
4. Descreva as dificuldades de convivência que você observa na sua sala de aula:		
5. O que poderia ser melhor na sua sala de aula no convívio com os diferentes colegas?		
6. Na interação com os colegas você observou se houve melhorias no seu processo ensino-aprendizagem?		
7. Imagine uma festa entre colegas brasileiros e venezuelanos, como seria esta festa?		
8. Assista o videoclipe da canção 'Me fui' da jovem cantora venezuelana ReymarPerdomo (https://www.youtube.com/watch?v=77d6bcw0f-A) e escreva um breve resumo do que você entendeu do videoclipe e da letra da canção...		

Anexo 05: TALE (español)

FORMULARIO DE CONCORDANCIA LIBRE E INFORMADO

Se le invita, con el permiso de sus papás, a participar en la investigación sobre “Interacciones interculturales observadas entre estudiantes de secundaria en Boa Vista - Roraima” bajo la responsabilidad de las investigadoras: Nanoy Vieira Esbell (estudiante de maestría en PPGSOF / UFRR) y la profesora MárciaMaria de Oliveira (Tutora de tesina). Aún sus papás lo permitieron, su participación no es obligatoria y en cualquier momento puede dejar de participar y puede dejar la encuesta sin ningún daño para usted ni para las investigadoras.

El objetivo de esta investigación es profundizar en el tema de las migraciones, en la perspectiva intercultural observada en las interacciones interculturales vividas por estudiantes de secundaria en Boa Vista - Roraima. La investigación se llevará a cabo a través de una conferência con 7 preguntas con respuestas abiertas que abordan las interacciones diarias entre estudiantes de secundaria antes del período pandémico. Su participación consiste en contestar un cuestionario electrónico por correo electrónico, WhatsApp, telegrama, instagram o facebook (según su elección).

Esta investigación es muy dichosa, pero, tiene riesgos. Las preguntas implican respuestas que recuerdan hechos relacionados con la convivencia entre estudiantes brasileños y venezolanos. Si se siente invadido por su privacidad, constreñido por determinadas preguntas o impulsado a no contestar, su derecho a interrumpir su participación en cualquier etapa del proceso sin perjudicarlo a usted, ni a los investigadores.

Los beneficios de esta investigación se basan en la producción de conocimiento sobre interacciones interculturales entre jóvenes estudiantes en un contexto migratorio en una región fronteriza. Los resultados de esta investigación serán incluidos en la elaboración de la Tesis de Maestría que puede contribuir a la producción de conocimiento interdisciplinario en el área de las ciencias humanas y puede ampliar los estudios migratorios en esta área específica de relaciones e interacciones interculturales.

Solo se incluirán en esta investigación jóvenes estudiantes de secundaria de Boa Vista de entre 14 y 18 años, brasileños y venezolanos, con la debida autorización de sus papás. Tu participación es completamente libre y gratuita con el permiso de tus papás o tutores y te aseguramos la total confidencialidad de tus respuestas, que serán utilizadas únicamente para los fines de la investigación en cuestión.

Recibirás una diapositiva de este término con el teléfono y dirección institucional del investigador principal y del CEP, y podrás contestar tus dudas sobre el proyecto y tu participación, ahora o en cualquier momento. Puede ponerse en contacto con nosotros, cuando sea necesario, a través del teléfono de los investigadores responsables: Nanoy Vieira Esbell (95 99170-7679) y la profesora MárciaMaria de Oliveira (92 98105-0879) si acaso tuvieras alguna duda.

Boa Vista, ____ de octubre de 2021.

Firma: Investigadora Nanoy Vieira Esbell (estudiante de Maestría - PPGSOF/UFRR)

Firma: Investigadora MárciaMaria de Oliveira (Orientadora de la investigación)

Yo, _____ (nombre completo del participante de la investigación), declaro que entiendo los objetivos, riesgos y beneficios de mi participación en la investigación y acepto participar.

Firma del Participante de la Investigación

Dirección de las investigadoras: Universidad Federal de Roraima (Programa de Postgrado en Sociedad y Fronteras - PPGSOF / UFRR). Av. Cap. Ene Garcez, 2413, Centro de Ciências Humanas, sala 53 – Aeroporto (Campus Paricarana) CEP: 69.310-000 - Boa Vista – RR E-mail: ppgsof@ufrr.br

Dirección del Comité de Ética en Investigación: Bloco da PRPPG-UFRR, última sala do corredor em forma de T à esquerda (o prédio da PRPPG fica localizado atrás da Reitoria e ao lado da Diretoria de Administração e Recursos Humanos - DARH) Av. Cap. Ene Garcez, 2413 – Aeroporto (Campus Paricarana) CEP: 69.310-000 - Boa Vista – RR E-mail: coep@ufrr.br (95) 3621-3112 Ramal 26.

Anexo 06: Termo de Autorização

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO DO/A MENOR

Eu, (nome completo) _____,
 (nacionalidade) _____, (estado civil)
 _____, (profissão) _____, titular da cédula de
 identidade RG n° _____ e CPF
 n° _____, como representante legal do/a menor abaixo referido,
 após ler e entender o propósito da pesquisa abaixo referida, **autorizo expressamente** a
 participação do/ menor (nome completo) _____,
 sob o n° do RG _____, com data de nascimento em
 _____ e com _____ anos de idade, a participar pesquisa sobre
**“Interações interculturais observadas entre estudantes do Ensino Médio em Boa Vista -
 Roraima”** sob a responsabilidade das pesquisadoras: Nanoy Vieira Esbell (estudante de
 Mestrado do PPGSOF/UFRR) e a professora doutora Márcia Maria de Oliveira (Orientadora
 de Dissertação).

Entendi que o objetivo dessa pesquisa é aprofundar o tema das migrações, na perspectiva intercultural observada nas interações interculturais vivenciadas por estudantes do Ensino Médio em Boa Vista – Roraima. A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista com 7 questões com respostas abertas sobre o cotidiano das interações entre estudantes do Ensino Médio antes do período da pandemia. Entendi que a participação do/a meu/minha filho/a consistirá em respem quer um questionário eletrônico por e-mail, WhatsApp, telegram, instagram ou facebook (conforme sua escolha).

Compreendi os riscos e benefícios dessa pesquisa e sei que poderei entrar em contato com as pesquisadoras, sempre que achar necessário, através dos seus telefones, devidamente informados. A presente autorização é concedida a título gratuito e o presente instrumento particular de autorização é celebrado em caráter definitivo, irrevogável e irretroatável, obrigando-se as partes por si e por seus sucessores a qualquer título, a respeitarem integralmente os termos e condições aqui estipuladas.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo a participação do/a menor acima descrito/a sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos e assino a presente autorização.

Boa Vista, ____ de outubro de 2021.

Nome e assinatura do Responsável Legal

Anexo 07: Formulario de Autorización

FORMULÁRIO DE AUTORIZACIÓN DE PARTICIPACIÓN DE MENORES

Yo, _____ (nombre completo)
 _____, (nacionalidad)
 _____, (estado civil) _____, (profesión)
 _____, titular de la cédula de identidad RG No.
 _____ y CPF No. _____, como

representante legal del menor mencionado a continuación, después de A leído y comprendido el propósito de la investigación a que se refiere a continuación, autorizo expresamente la participación del menor (nombre completo) _____, bajo RG No. _____, con fecha de nacimiento el _____ y con _____ años, para participar en la investigación sobre “Interacciones interculturales observadas entre estudiantes de secundaria en Boa Vista - Roraima” a cargo de los investigadores: Nanoy Vieira Esbell (estudiante de maestría en PPGSOF / UFRR) y la profesora Doctora MárciaMaria de Oliveira (tutora de Tesina).

Entiendo que el objetivo de esta investigación es profundizar en el tema de la migración, en la perspectiva intercultural observada en las interacciones interculturales vividas por estudiantes de secundaria en Boa Vista - Roraima. La investigación se realizará a través de una entrevista con 7 preguntas con respuestas abiertas sobre las interacciones diarias entre estudiantes de secundaria antes del período pandémico. Entiendo que la participación de mi hijo consistirá en contestar un cuestionario electrónico por correo electrónico, WhatsApp, telegrama, instagram o facebook (según su elección).

Entendí los riesgos y beneficios de esta investigación y sé que podré ponerme en contacto con los investigadores, siempre que lo considere necesario, a través de sus teléfonos, debidamente informados. Esta autorización se otorga de manera gratuita y este instrumento de autorización particular se suscribe de manera definitiva, irreversible e irrevocable, y las partes, por sí mismas y sus sucesores en cualquier capacidad, se comprometen a respetar íntegramente los términos y condiciones aquí estipulados.

Como esta es la expresión de mi voluntad, declaro que autorizo la participación del menor descrito anteriormente sin que exista nada que reclamar como derechos conexos y firmo esta autorización.

Boa Vista, ____ de octubre de 2021.

 Nombre y firma del Responsable Legal